

É tempo de aru

Novos ventos para a educação em
Saúde bucal nas escolas indígenas
Curso de formação continuada

It's time
aru

New winds for oral health
education in indigenous schools
Continuing training course

wūru
nãmari

Mahma nãmari nirōwé Uhpikari kãse
buesé nã pohterikãrã buesé wiseripã
Buesé buénicasé

Laís Vilhena Leiria
Rosa Oliveira Marins Azevedo



INSTITUTO FEDERAL
AMAZONAS



PPGET
Programa de Pós-Graduação
em Ensino Tecnológico

É tempo de aru

Novos ventos para a educação em
Saúde bucal nas escolas indígenas
Curso de formação continuada

It's time
aru

New winds for oral health
education in indigenous schools
Continuing training course

wūru
numarī

Mahma numarī nirōwé Uhpikari kāse
buesé nā pohterikārā buesé wiserip̄
Buesé buénicasé

Laís Vilhena Leiria
Rosa Oliveira Marins Azevedo



INSTITUTO FEDERAL
AMAZONAS



PPGET
Programa de Pós-Graduação
em Ensino Tecnológico

Autoras

Laís Vilhena Leiria

Rosa Oliveira Marins Azevedo

Laís Vilhena Leiria

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4267884344702629>

Rosa Oliveira Marins Azevedo

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3056605003492861>

Projeto gráfico e Ilustração

Anderson Aquino Leiria

Revisão

Laís Vilhena Leiria

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L531é Leiria, Laís Vilhena.

É tempo de aru: novos ventos para a educação em saúde bucal nas escolas indígenas – curso de formação continuada = It's time aru: new winds for oral health education in indigenous schools - continuing training course / Laís Vilhena Leiria, Rosa Oliveira Marins Azevedo. – Manaus, 2020.

66 p. : il. color.

Produto Educacional proveniente da Dissertação - Formação continuada de professores indígenas do alto Rio Negro em educação em saúde bucal. (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, 2020.

ISBN 978-65-88247-17-4

1. Ensino tecnológico. 2. Formação continuada. 3. Professores indígenas. 4. Educação – saúde bucal. I. Azevedo, Rosa Oliveira Marins. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas III. Título.

CDD 371.33

Elaborada por Márcia Auzier CRB 11/59



É tempo de **aru**

Novos ventos para a educação em
Saúde bucal nas escolas indígenas

Curso de formação continuada

It's time
aru

New winds for oral health
education in indigenous schools
Continuing training course

wūru
numarī

Mahma numarī nirōwé Uhpikari kāse
buesé nā pohterikārā buesé wiserip̄
Buesé buénicasé

Laís Vilhena Leiria
Rosa Oliveira Marins Azevedo

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

Título: É tempo de Aru: novos ventos para a Educação em Saúde bucal nas escolas indígenas.

Origem do Produto: Trabalho de Dissertação “Formação continuada de professores indígena do Alto Rio Negro-AM em Educação em Saúde bucal” desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

Área de Conhecimento: Ensino.

Público Alvo: Professores indígenas da Educação básica e outros profissionais interessados em dinamizar a prática da Educação em Saúde bucal no contexto escolar indígena, centrada na formação de professores.

Categoria deste Produto: Curso de formação profissional.

Finalidade: Colaborar com o processo de formação continuada de professores indígenas em Educação em Saúde bucal.

Registro do Produto/Ano: Biblioteca Paulo Sarmiento do IFAM - *Campus* Manaus Centro, 2020.

Avaliação do Produto: O produto foi avaliado por professores indígenas, participantes da pesquisa. Também foi avaliado por três professores doutores que compuseram a Banca de Dissertação.

Disponibilidade: Irrestrita, preservando-se os direitos autorais bem como a proibição do uso comercial do produto.

Divulgação: <http://repositório.ifam.edu.br/>
<http://ppget.ifam.edu.br/dissertações-defendidas>

Instituições envolvidas: Secretaria Municipal de Educação do Município de São Gabriel da Cachoeira - SEMED-SGC; Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro - FOIRN; Fundação Nacional do Índio - FUNAI; Distrito Sanitário Especial Indígena do Alto Rio Negro - DSEI-ARN.

Idioma: Português.

Cidade: Manaus.

País: Brasil

Ano : 2020



O Aru

O aru do Alto Rio Negro
Com ventos e chuvas fortes
É o aru de maio e junho
Com os dias e noites chuvosos
Que não é mais como antigamente
No dizer dos velhos povos

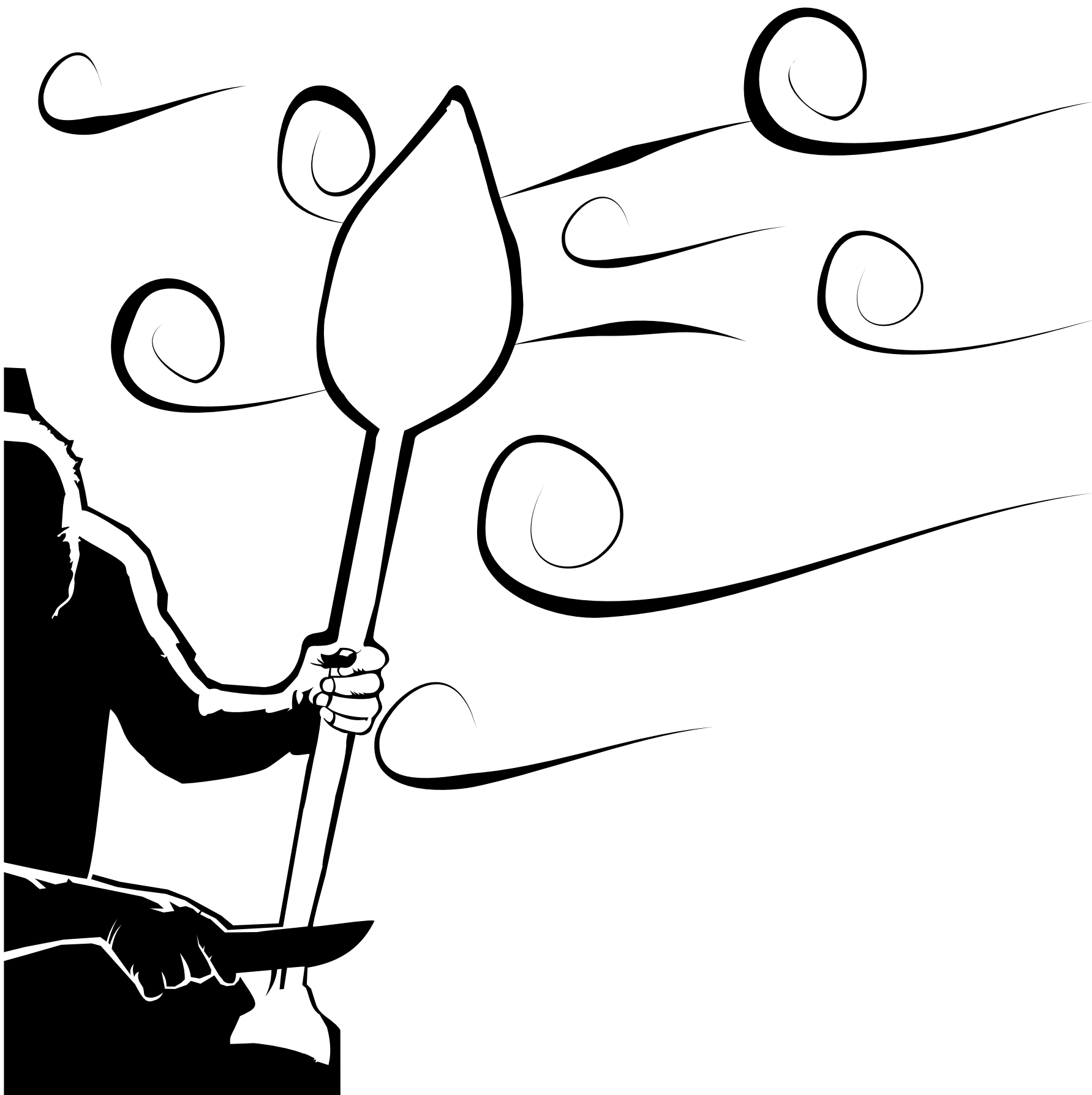
São várias suas narrativas históricas
Mas, uma versão não nega
Nem elimina a outra
Se, é Dessana ou Tukano
Não importa, são etnias diferentes
Cada povo, sua história

Se, é pequeno sapo ou belo moço
Na sua canoa a remar, não importa
Aru é mais que desafio
Une três morros
Educação, Saúde e Mitos indígenas
Como dádivas divinas

Mas, enxergar o Aru é preciso
Unir esses morros não é preciso
Uma nova morada de pedra aparece
Uma nova perspectiva
Uma nova Educação em Saúde bucal
Na escola indígena.

Laís Vilhena Leiria





RESUMO

Desenvolver práticas educativas em Saúde bucal nas escolas indígenas ainda é um grande desafio para muitos dos professores indígenas da Educação básica, e viabilizar novas perspectivas para o favorecimento dessas práticas perpassa pela formação desses profissionais. Nessa nova perspectiva, apresentamos a estrutura de um curso de formação continuada intitulado “É tempo de Aru: novos ventos para a Educação em Saúde bucal nas escolas indígenas”, com o objetivo de colaborar com o processo de formação continuada de professores indígenas em Educação em Saúde bucal. O curso, simbolicamente, é um convite para uma viagem, na qual o formador/participante será guiado pelos remos do Aru, e navegará nas águas do Rio Negro, rumo às seis moradas de pedra, que por sua vez, representam os seis encontros formativos, com carga horária de 20 horas. Cada morada de pedra apresenta um roteiro de atividades que detalha todas as atividades que devem ser realizadas pelo formador/participante. A intenção é que este material facilite os professores indígenas e outros profissionais interessados em dinamizar a prática da Educação em Saúde bucal no contexto escolar indígena.

Palavras-chave: Formação continuada. Professores indígenas. Educação em Saúde bucal.



ABSTRACT

Developing educational practices in oral health in indigenous schools is still a major challenge for many of the indigenous teachers of basic education, and enabling new perspectives to favor these practice goes through the training of these professionals. In this new perspective, we present the structure of a continuing education course entitled “It is time for Aru: new winds for Oral Health Education in indigenous schools”, in order to collaborate with the process of continuing education of indigenous teachers in Oral Health Education. The course, symbolically, is an invitation to a trip, in which the trainer/participant will be guided by the paddles of the Aru, and will sail on the waters of the Rio Negro, towards the six stone abodes, which in turn, represent the six formative meetings, with a final workload of 20 hours. Each stone address has an activity guide that details all the activities that must be performed by the trainer/participant. The intention is that this material facilitates indigenous teachers and other professionals interested in promoting the practice of Oral Health Education in the indigenous school context.

Key words: Continuing education course. Indigenous teachers. Oral Health Education.



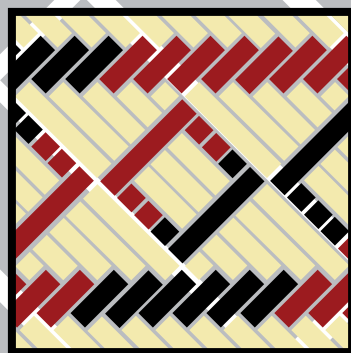
DOKEPEORO¹

Añurõ bué t̃oña kãsé té uhpikarí buesé kãsé, buesé o'orãré diosá nisá pahrãrē, toho werã añurõ buéó nisá. Toho werã marĩ añurõ bué wãkãtiró yarówé “Wūrū Ñm̃m̃rĩ: Mahma ñm̃m̃rĩ nirōwé Uhpikari kãse buesé nã pohterikãrã buesé wiserip̃m̃, añurõ we'etãmu nã pohterikãrãrē ye uhpikari duárãrē, tehé bueseré wererãrē añurõ m̃m̃árõ, wem̃tã, weró yhá , kũ wūrū ohkó ñirĩmarē kũ siahkarónõ. Té buesé ñm̃m̃rĩ nirõsá nika wamokã, nika pi'ikã p̃erĩpehãka tire (seis encontros). Tehé buesé horarĩ nirõsa p̃uhã wamokã e p̃uhã d̃upokãrĩ (20hrs) tehé buesé, tehé nã buesé tatipã, ũhtã tatipã weroró kũ oh̃m̃ oh̃g̃sãmi, werég̃sãmi, añurõ ñaduhy, t̃onãduhy, weró nisá. Pohterikãrãrē uhpikari buesé diosomē, añurõ buekã tohó ni'ikã añurõ t̃oñakã.

Tradutores: Irémirí Tukano, Yepário Tukano, Yu'úparkó Tukano

¹ Em São Gabriel da Cachoeira existem 23 etnias, com cinco línguas oficiais e mais de 20 línguas faladas. A tradução do título e do resumo em uma dessas línguas, Tukano, ocorreu em virtude da facilidade de acesso a uma pessoa dessa etnia, que se mostrou interesse em contribuir com esse material, realizando a tradução.





Olho de ave noturna - Makoweth
Este Grafismo é um padrão ou sílabas gráficas e quase sempre fazem referência a elementos da natureza comuns aos Baniwas.

SUMÁRIO

12

Prefácio

13

Acolhida aos leitores

15

Ideia do Aru

16

Estrutura do Aru

18

Parte 1
É tempo de Aru

21

Parte 2
Vivenciando o Aru

36

Parte 3
Enxergando o Aru

38

Apêndice

PREFÁCIO

Navegar na canoa da Laís e deslizar pelo rio do conhecimento é abraçar em conjunto a possibilidade de melhorar um dos inúmeros desafios que os povos indígenas enfrentam há muito tempo: doenças que afetam sua saúde bucal. Também é um convite para desconstruir o pensamento errôneo que ainda é difundido sobre os indígenas não sofrerem com cárie, ou problemas similares devido à dieta que levam; é construir de forma coletiva medidas de cuidado e prevenção relacionados à saúde bucal, que além de ser importante, é responsabilidade de todos, independente do seu povo, cultura, ou profissão. O texto nos leva a fazer uma viagem durante seis moradas de pedra, onde a cada parada a autora compartilha conosco suas experiências durante as atividades desenvolvidas no curso de formação continuada de professores indígenas da Educação Básica.

Durante a leitura do produto “É tempo de Aru: Novos ventos para a Educação em saúde bucal nas escolas indígenas” notei o respeito da autora ao entrar em um mundo tão distinto, mantendo sempre a humildade e interesse não apenas em compartilhar, mas também aprender com os participantes, ouvindo-os individualmente, respeitando os espaços de fala, buscando integrar os saberes tradicionais aos conhecimentos que adquiriu ao longo de sua formação acadêmica e experiência enquanto profissional.

“É tempo de Aru” representa a sensibilidade da Laís ao olhar para os povos indígenas de forma cuidadosa, e sobretudo colaborativa: contribuindo na formação de professores indígenas na área a qual é especialista, e tornando acessível para todos os meios de cuidado com uhpikari (dentes), eseró (boca), que para nós do povo Yepá Mahsã, representa o nosso Oriniró (jardim).

Añú pela partilha, que O'ákün (Deus) e O'ákõ (Deusa) iluminem sempre seu caminho e seu coração.

Jaqueline Sampaio da Silva (Yució Tukano)
Licenciada em Ciências Biológicas – IFAM
Técnica em Meio Ambiente – CETAM
Graduanda do Curso de Medicina – UDABOL





Acolhida aos Leitores

Este trabalho é fruto de uma “nova perspectiva”, de um “novo tempo”, o “tempo de Aru”, por meio do qual chegam novos ventos para a Educação em Saúde bucal nas escolas indígenas. Mas, antes de conversarmos sobre isso, pedimos licença para lhes apresentar um fragmento do texto “Aru”, o qual nos transportou para um mundo imaginário e mítico da cultura indígena do Alto Rio Negro e nos permitiu usar a simbologia indígena na expressão conceitual desse produto educacional.

Arú é um personagem da friagem do Rio Negro, na mitologia indígena, ele é o mestre do remo, que pode causar ventos e chuvas, e quando é tempo dele, ele aparece, anda de canoa, vai remando. Neste produto educacional, Arú, com seu remo nos guiará nos encontros do curso, representa o desafio, o novo, o diferente, é o sair da zona de conforto.

Assim, atentem para as outras simbologias: *Igarapé* - representa as instituições de ensino e de saúde, juntamente com seus órgãos, regimentos e modelos de trabalho; *Água morna* - é a zona de conforto; *Arirambá* (pássaro) - é o profis-

sional de educação e de saúde acomodado, resistente a mudanças; *Ariranhas* (animais aquáticos) - é o profissional de educação e de saúde inquieto, resiliente, aberto a novas experiências, disposto a sair de sua zona de conforto; a *Água fria* - é a resiliência.

Em face dessa apresentação simbólica, agora vocês estão prontos para lerem nas entrelinhas do texto abaixo:

“A água do igarapé estava morna e quem estivesse dentro dele não se atrevia sair para enfrentar o arú. O igarapé, como sempre corria apressado reclamando e batendo com vigor nas pedras, repetindo, repetindo – Saíam da frente, estão me atrasando! O arirambá até viu alguns peixes, mas sair voando e mergulhar naquela água fria para pescar... seu casaco escuro com gravata estava tão quentinho. Só as ariranhas que rosnavam e faziam barulho mastigando as traíras que comiam. Acostumadas à água fria, para elas estava tudo normal, só um pouco escuro” (AQUINO², 2019, p. 71).

Esta escrita inicial trata-se de um convi-

² AQUINO, CONDE. *Sob as estrelas*: nas florestas do alto Rio Negro. Manaus: Edições do autor, 2019.

te, para seguirmos juntos em uma viagem, com destino às seis moradas de pedra, que simbolicamente representam os seis encontros do nosso curso formativo, no qual seremos guiados de forma poética pelos remos do Aru. Contudo, no plano da realidade, nós autoras desse material, na figura de professoras formadoras, é que assumiremos o comando dessa aventura.

É um convite para que juntos, possamos sair de nossa zona de conforto, que possamos enfrentar novos ventos, por vezes “fortes e frios demais” na busca de dinamizar a prática educati-

va de Saúde bucal no contexto escolar indígena e discutir sobre a responsabilidade de promover a saúde bucal, que não se restringe apenas ao ambiente do posto de saúde e à equipe de saúde bucal, como também, envolve outros profissionais, como por exemplo, os professores.

Contudo, sabemos que isso ainda é um grande desafio, ou como podemos dizer, lendo nas entrelinhas do texto acima, estamos vivenciando novos tempos, “É tempo de Aru”, com novos ventos para a Educação em Saúde bucal nas escolas indígenas.





Ideia do Aru

Nossos primeiros passos na escrita desse produto foram motivados pela vontade de darmos continuidade às ações de promoção em saúde bucal, desenvolvidas nas aldeias, pela Equipe de saúde, no sentido de ampliá-las para uma Educação em Saúde bucal no espaço escolar, centrada na formação do professor indígena, que conseqüentemente materializou-se neste curso de formação continuada, destinado aos professores indígenas da educação básica, ou também para outros profissionais da educação, como coordenadores e pedagogos, e quiçá para os profissionais da equipe de saúde bucal dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI), tais como, agentes comunitários indígenas de saúde (AIS); auxiliares e técnicos de Saúde bucal (ASB e TSB); cirurgiões-dentistas (CD), e outros mais, interessados em dinamizar as práticas de Educação em Saúde bucal no contexto escolar indígena.

Nosso intuito foi trazer o fazer pedagógico do professor para as práticas de atenção à saúde bucal, na realidade das comunidades indígenas, com todos os seus saberes tradicionais, cultura, rituais, mitos e tradições, de forma a unir três morros: educação, saúde bucal e mitologia indígena, proporcionando uma nova visão, um novo olhar, um novo tempo para a Educação em Saúde

bucal na escola indígena, o “tempo de Aru”.

Escolhemos ser guiados por Aru, pois para os povos indígenas do Alto Rio Negro, Aru é tempo de chuva e de friagem, o que demanda coragem para enfrentar a água fria e os ventos trazidos por ele, e de uma forma análoga, formar o professor para a prática educativa da saúde bucal na escola também é um grande desafio. É um convite para deixar a água morna do igarapé e se atrever a enfrentar o Aru, que, por vezes resultam em tempos de floração e de frutificação, de sorte, prosperidade e de novas perspectivas.

Para seguir nesta analogia proposta, durante nossos momentos de criação do curso escrevemos um poema, apresentado anteriormente, e que se fez presente ao longo desse produto educacional, evocando o Aru para nos guiar nessa viagem e de forma comparativa, fazendo alusão ao processo de formação do professor indígena em Educação em Saúde bucal. O poema sofreu forte influência das leituras e das vivências acerca dessa temática, de maneira que foi se moldando à medida que o produto foi tomando forma e se estruturando.



Com objetivo de colaborar com a formação continuada de professores indígenas em Educação em Saúde bucal, este produto educacional intitulado “É tempo de Aru: novos ventos para a Educação em Saúde bucal nas escolas indígenas” está estruturado em três partes, a saber:

Parte I - É tempo de Aru

Essa primeira parte representa o início da nossa jornada, ou melhor, como nos diz o poema: “É o Aru de maio e junho, com os dias e noites chuvosos”. Este é o momento inicial do Aru, momento no qual as chuvas e os ventos fortes nos trazem os fundamentos para essa formação continuada, com base no crescimento pessoal e profissional, por meio da reflexão da prática educativa do docente, que poeticamente representam os movimentos de remada do mestre Aru, o nosso guia nesta fantástica viagem.

É um convite para fazemos uma auto-avaliação do nosso trabalho pedagógico, acerca das atividades educativas, em saúde bucal, desenvolvidas na escola, fundamentado nos conceitos referidos por Schön³ (2009), o qual nos define três

movimentos básicos: o conhecimento na ação, a reflexão na ação e a reflexão sobre a ação na ação.

Parte II - Vivenciando o Aru

Esse é o momento no qual, simbolicamente, deixaremos que os remos do Aru nos levem, guiados pelos seus ventos fortes, que de acordo com o poema lido, não são mais como antigamente, no dizer dos velhos povos, pois o tempo e o clima sofreram mudanças ao longo dos anos. No entanto, Aru continua sendo um pequeno sapo ou um belo moço em sua canoa a remar, e poeticamente será nosso guia rio abaixo, rio acima, durante toda nossa viagem.

Em uma linguagem prosaica, são as autoras desse material, representando as professoras participantes/formadoras, é que na realidade nos conduzirão nestes seis encontros formativos, em busca de enxergar o Aru, essa nova perspectiva para a Educação em Saúde bucal na escola indígena, pois Aru é mais que desafio, une três morros, educação, saúde e mitos indígenas, como dádivas divinas.

Cabe salientar que essa parte represen-

³ SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo designer para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Penso editora, 2009.

ta um diálogo entre as autoras e os leitores, no qual, juntos, vão visitar as seis moradas de pedra, as seis moradas do conhecimento, geograficamente descritas como morros e serras, e que simbolicamente significam os seis encontros formativos do curso. Escolhemos poeticamente esse termo “morada de pedra” para exemplificar os morros e serras presentes na região do Alto Rio Negro, no município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, local que nos inspirou na escrita desse produto educacional.

Os textos acerca de cada morada de pedra nos revelam um diálogo poético sobre o percurso da viagem, que nos transporta para um lugar mágico, e nos faz sentir diferentes emoções. No entanto, sentimos necessidade de escrevermos um roteiro para cada encontro formativo, para ficar mais claro o que pretendemos fazer em cada uma dessas seis moradas de pedra. Assim surgiram simbolicamente, os roteiros de viagem, que na verdade, são guias técnicos para os professores formadores, explicando como eles devem conduzir o encontro, quais as suas atividades e quais as atividades dos demais participantes, quais os recursos que devem usar no encontro e outras informações necessárias para que o formador possa replicar esse curso para outros professores.

Achamos mais harmonioso que esses roteiros não fossem inseridos no corpo do texto, e assim preferimos levá-los para o apêndice, até para facilitar no momento que o professor formador “quiser ir direto ao ponto”, ou seja, quando apenas desejar ter acesso ao guia técnico do curso.

Pois, queremos deixar bem claro, que o participante formador tem a liberdade de sair da viagem poética e se ater diretamente aos roteiros do encontro. Ele faz a escolha, na hora que for replicar o curso para outros professores. No entanto, sugerimos que façam a leitura poética, vivenciando conosco cada morada de pedra, dialogando com a gente, viajando pela canoa, subindo morro,

descendo morro, entrando nas grutas das serras, se deixando levar pelos remos do Aru.

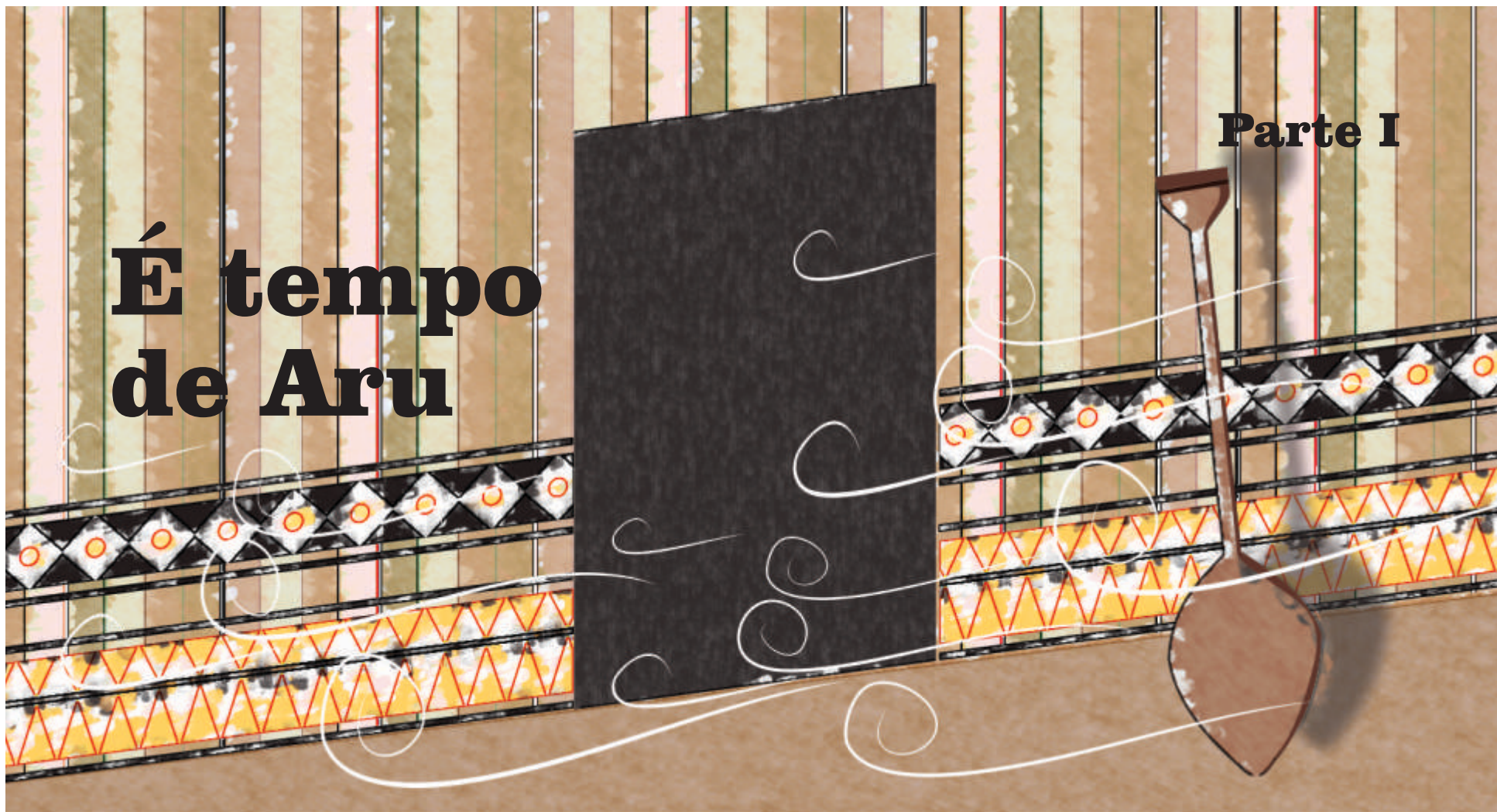
Ao final de cada roteiro, encontra-se um tópico denominado, “Uma experiência vivida”, que traz um resumo dos encontros formativos dos professores do Alto Rio Negro, uma forma de exemplificar as atividades a serem desenvolvidas em cada uma dessas moradas de pedra, que por sua vez, pode servir de modelo, para o professor formador, no momento que ele for replicar o curso.

Com certeza vocês não vão se arrepender de fazer essa viagem com a gente. A carga horária sugerida para cada encontro formativo é bem flexível, ou seja, vocês poderão ajustá-la conforme suas disponibilidades de tempo. Contudo, não podem esquecer que o tempo completo da viagem são 20 horas. O caminho é extenso. Estão prontos? Então abram bem os olhos e a mente e vamos embarcar nesta canoa encantada, e navegar, juntos, pelas águas do igarapé do Alto Rio Negro, com Aru no comando desse grande rio.

Parte III - Enxergando o Aru

Esse é o momento da revelação, é a hora em que os participantes do curso conseguem enxergar o desafio, a figura do Aru, as imagens ficam mais nítidas e a “nova perspectiva” para a Educação em Saúde bucal nas escolas indígenas surge, simbolicamente, da união dos três morros: educação, saúde bucal e mitologia indígena.

Também mostra a necessidade de dar novas remadas, ou seja, de dar continuidade a esse estudo, revelando outras possibilidades futuras para esta formação continuada, no sentido de desenvolver ações conjuntas de Educação em Saúde bucal em benefício da população indígena, além dos obstáculos encontrados durante a realização do curso, com destaque para o desafio de sair da “zona de conforto” em busca de descobrir o “novo”, de enfrentar o Aru, com seus ventos, friagens e chuvas fortes.



É tempo de Aru

Parte I

Nesta etapa inicial do curso seremos guiados pelos remos do Aru, pois, segundo a mitologia indígena, Aru é o mestre do remo e com este remo ele pode causar ventos e chuvas, viajar ao longo do rio, durante os dias de frio, visitar as roças, e trazer chuvas e prosperidade para a agricultura. “É tempo de Aru” e quem possui o remo pode dominar o clima, os elementos da natureza, pode definir o volume das águas do rio e decidir se é preciso remar mais para subir o rio ou se é necessário remar a favor da correnteza, e fazendo uma analogia a este curso, os movimentos de remada do mestre Aru, se dará por meio da reflexão da prática educativa do participante, com base no seu crescimento pessoal e profissional, que por sua vez, fundamenta esse processo formativo.

Para tanto, prezado professor formador, iremos juntos remar nessa direção, e nosso primeiro movimento será discutir acerca dessa reflexão da prática educativa, na qual faremos uma autoavaliação do nosso trabalho docente em sala de aula. Poderão remar conosco também, os profissionais de saúde bucal em suas ações educativas, de promoção em saúde na escola, para tanto iremos nos fundamentar nos conceitos referidos por Schön (2009), o qual nos define três movimentos básicos: o conhecimento na ação, a reflexão na ação e a reflexão sobre a ação na ação.

Esse autor afirma que as ações cotidianas exigem de nós um conhecimento tácito, espontâneo e intuitivo, que ele define como *conhecimento na ação*, contudo quando passamos a refletir so-

bre os motivos que nos levaram a agir de uma forma ou de outra, usamos ainda mais o cognitivo, mesmo que seja em uma atividade habitual, e pensamos no que estamos fazendo, portanto, estamos diante da *reflexão na ação*. Mas, ao surgirem problemas adicionais, fora do cotidiano e do nosso controle, e quando não temos respostas prontas, passamos a refletir sobre novas soluções para tais problemas, assim estamos diante da *reflexão sobre a reflexão na ação*, abrindo novas possibilidades para ações futuras.

Diante dessa conversa a respeito dos conceitos sobre o processo de reflexão e usando-os de base para fundamentar esse curso de formação continuada, iremos agora para um segundo movimento de remada do Aru, quando iremos visitar, juntos, as seis moradias do conhecimento, e refletir sobre as práticas educativas em saúde bucal nas escolas indígenas, partindo do pressu-

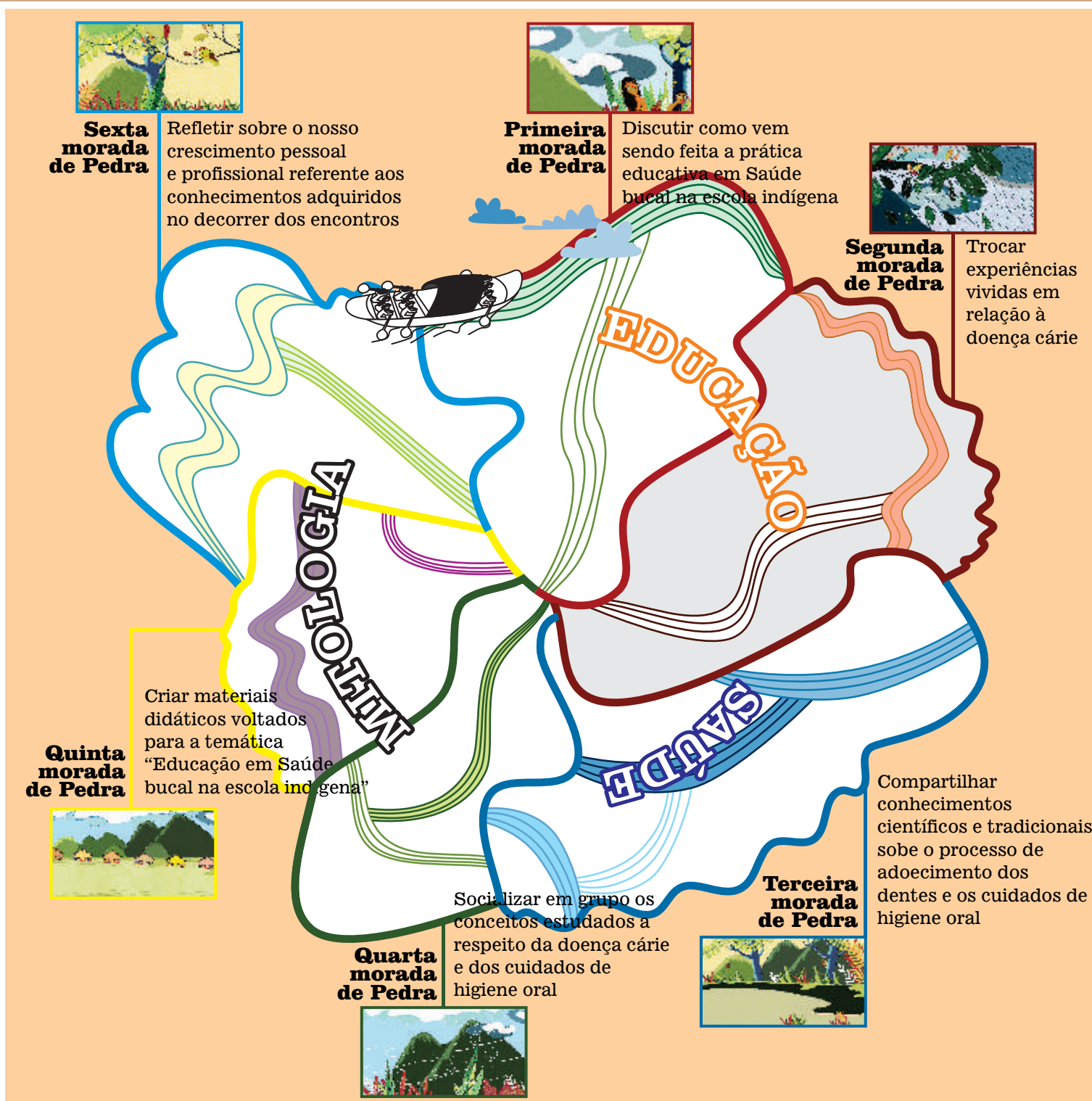
posto que a reflexão sobre uma determinada situação e a solução adequada para solucioná-la é algo que deve ser decidido, prioritariamente, por pessoas ou instituições que a vivenciam.

Assim, convidamos você professor indígena a refletir sobre sua prática educativa em saúde bucal na sala de aula, sobretudo, com um olhar voltado para a sua realidade, para as ciências e os saberes tradicionais do povo que você assiste, de forma a assumir uma postura crítica reflexiva sobre esse fazer educativo-pedagógico.

Ressaltamos que essa formação continuada em Educação em Saúde bucal será por meio de seis encontros formativos, com carga horária de 20 horas, conforme as informações contidas na figura 1 e dialogado poeticamente, com mais detalhes, na Parte II, intitulada, Vivenciando o Aru, logo a seguir.



Figura 1. As seis moradas de pedra, os seis encontros formativos.



Fonte: Elaboração própria (2020).

Vivenciando o Aru

Neste momento estamos aqui no porto do município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, ansiosos aguardando a chegada do Aru. Vocês já enxergaram o Aru? Não fazemos ideia de como ele é. Dizem que ele é o mestre do remo, e quando é tempo dele, pode causar ventos e chuvas. Mas, será que estamos mesmo em tempos de Aru? Só sei dizer que estamos terminando o mês de maio e iniciando junho, e no dizer dos velhos povos, é tempo de Aru. Portanto, daqui a pouco ele vai aparecer, na sua canoa, e nos levar para viajar com ele, e ao longo dessa viagem visitaremos seis moradas de pedra. Será uma viagem fantástica.

Estão todos preparados? Trouxeram seus aturás? E os roteiros de viagem, também

trouxeram? Esses roteiros são muito importantes, pois eles serão muito úteis no direcionamento dessa aventura. Não queremos que vocês se percam pelo caminho, alguns desses trajetos são difíceis de serem percorridos, mas, juntos, conseguiremos vencer os obstáculos e passar por essas moradas de pedra, e chegar ao fim dessa viagem aventureira.

Estamos “tremendo de frio”, parece que chegou o Aru! Vamos despertar nosso espírito de aventura! Coloquem os aturás de cipó nas costas e preparem-se para embarcar na canoa, parece que Aru chegou com muita pressa, e logo iremos partir.

Já estão todos acomodados? Então vamos aproveitar enquanto estamos aqui sentados

na canoa, para fazer uma coisa muito importante. Vamos ler e discutir, em grupo, os nossos seis roteiros de viagem (Apêndice A, B, C, D, E e F). Eles representam o planejamento de nossas atividades em cada morada de pedra. Se tiverem alguma dúvida ou questionamento, esse é o momento. Vamos esclarecer todas as regras que iremos seguir em cada moradia para não ficarmos perdidos depois.

Nossa viagem prosegue e continua ventando, sendo assim, peço a vocês que procurem ficar protegidos do frio, vistam seus agasalhos e vamos nos deixar guiar pelo remo do Aru. Ele é o mestre do remo e assim ele nos guiará rio acima, rio abaixo, serpenteando o rio com seu remo, e logo chegaremos ao nosso destino, à 1ª morada de pedra.

Aproveitem também esse momento, aqui na canoa, para se conhecerem, apresentem-se uns aos outros, dizendo seus nomes, profissão, locais de trabalho, entre outras informações que julgarem necessário, se quiserem podem também usar nomes fictícios durante a viagem.

Estamos, nesse momento subindo o rio,

está chovendo muito, o Aru está forte, e o vento bate de frente, soprando o frio que por vezes nos faz tremer e faz com que as árvores se aconchequem umas nas outras, embaladas por este sopro fino de vento. É tempo de Aru e estamos agora vivenciando este Aru. Temos que aguentá-lo, afinal de contas, o Aru sempre está de passagem, nunca vem para ficar. Esse tempo de desafio vai passar e poderemos usufruir, juntos, da colheita desse estudo e voltarmos para a água quentinha do igarapé, ao qual estamos acostumados.

No entanto, antes é preciso que saíamos de nossa zona de conforto para enfrentar os desafios que a vida profissional nos oferece, e o desafio deste momento, se faz presente na figura deste curso, que tem como objetivo geral, colaborar com o processo de formação continuada de professores indígenas em Educação em Saúde bucal, o qual se configura em uma tempestade de ideias envolvendo três dádivas divinas, a educação, a saúde e a mitologia indígena, com um elo entre elas, que poucos conseguem ver. Este é o nosso desafio, enxergar o Aru, essa nova perspectiva para a Educação em Saúde bucal nas escolas indígenas.





Primeira morada de Pedra

A viagem foi curta e rapidamente chegamos à 1ª morada de pedra, e agora vamos descer da canoa e procurar um espaço onde possamos nos sentar, pode ser ali mesmo ao pé da serra. Como dizem por aqui: “vamu, vamuu, vamuu, depressa!” Precisamos sair da canoa. Vamos, se acomodem, sentem-se nesse tapete de folhas, fiquem à vontade e se posicionem em um semicírculo, para que possamos ficar um de frente para o outro.

Lembram daqueles roteiros que lemos juntos na canoa? Agora, que chegamos aqui nessa primeira morada de pedra, vamos usar o primeiro roteiro (Apêndice A), vamos fazer exatamente o que está sendo solicitado nele, ou seja, vamos atentar para as atividades que devemos realizar. Estão

todas descritas aqui. Vejam! Têm as atividades do professor formador, as atividades dos participantes, como também vem acompanhado de recursos, que podemos usar para desenvolver as nossas atividades, e até mesmo como seremos avaliados. Isso é importante!

Aqui diz, que primeiro iremos refletir a respeito das práticas educativas em saúde bucal, depois, vamos fazer uma leitura em alguns dos documentos que tratam sobre a saúde bucal na escola, para em seguida interagir e expor nossas opiniões, necessidades e expectativas sobre esse tema. Também nos informa que a previsão para ficarmos nessa serra será por três horas, mas, caso julguem necessário pode ficar mais ou menos tempo. Não tem problema, e posteriormente seguire-

mos viagem, novamente, rumo à próxima casa de pedra.

O dia não está lindo? O vento frio matinal corre por entre as árvores trazendo consigo diferentes e agradáveis aromas da floresta. Os pássaros enfileirados voam no céu. Olhando daqui de baixo nos dá até inveja de vê-los tão livres. Vocês não gostariam de ter asas também, para sair

voando por aí? Uma coisa é certa, não temos asas, mas nossos pensamentos podem viajar por muito longe.

Assim, todos os pensamentos, as ideias, as opiniões e as expectativas a respeito do tema Educação em Saúde bucal nas escolas indígenas, que foram exibidas pelos participantes ganharam asas e percorreram livres, leves e soltas pelo ar.





Segunda morada de Pedra

Após essa primeira estadia na morada de pedra acreditamos que o nosso interesse pelo tema esteja crescendo. Estamos agora novamente navegando em um pequeno braço de rio e falta apenas um pequeno trajeto para que os remos do Aru nos deixem em frente à 2ª morada dos deuses. Mas, essa chuva continua a cair, bem fininha, então temos que nos aproximar mais e ficar bem juntinhos, debaixo da cobertura da canoa, pois não queremos ficar encharcados. Não é mesmo?

Chegamos! Vamos! Depressa! Temos que subir rapidamente essa serra, porque a chuva está engrossando. Mas, esperem um pouco, vamos parar por um instante, pois vale à pena. Observem àquelas altas palmeiras de açaí e seus

cachos, elas não parecem sentinelas vigiando a entrada da gruta? Que lindo! Mas, chega de conversa e vamos em frente, a chuva está caindo e não queremos ficar molhados demais.

Enfim, chegamos aqui em cima. Vamos, vamos entrem logo naquela gruta. Percebam que aqui no alto o vento está muito mais forte, precisamos nos secar e nos agasalhar. Ainda bem que estamos em um lugar quentinho, bem propício para uma longa estadia. Que bom que achamos essa gruta, porque, teremos que ficar por aqui, um pouco mais de tempo, por volta de quatro horas, pois temos muitas histórias para contar.

Vamos trocar experiências vividas em relação à doença cárie e também vamos falar sobre

os cuidados de higiene oral que praticamos ao longo do tempo, desde quando éramos crianças. Com certeza, temos muitas histórias para contar, algumas envolvendo situações de dor, traumas e medo de dentista e outras nem tão ruins assim. Mas, o que não faltam são histórias sobre dentes para contar, não é mesmo?

Qualquer dúvida, consultamos o nosso roteiro (Apêndice B), pois ele nos mostra com detalhes como devemos proceder nesse 2º encontro. Vamos arregaçar as mangas que esse encontro já começou. O que estão esperando? Que comecem as atividades!





Terceira morada de Pedra

Agora, já podemos olhar para trás, e ver que vencemos os primeiros obstáculos da viagem, e sentir o quanto descobrimos de informações sobre esse mundo da Educação em Saúde bucal na escola indígena. De fato, foi longa e produtiva a nossa estadia na 1ª e na 2ª morada de pedra. Vocês não concordam?

Contudo, agora é preciso seguir em frente, pois a nossa viagem ainda não acabou, os remos do Aru estão nos chamando, vamos vestir nossos agasalhos que lá fora ainda está muito frio e parece que ficou mais frio. A serra até parece que se embrulhou com a neblina que corre aqui fora e os pássaros sumiram, com certeza foram à procura de um lugar para se esconder. Mas, vamos, subam na canoa que Aru tem pressa! Todos pron-

tos? Então se preparem para visitarmos a 3ª casa de pedra. Sabemos que vocês estão cansados, mas não desanimem, estamos quase lá.

Vamos aproveitar o caminho para refletirmos sobre todas as histórias que ouvimos acerca dos cuidados de higiene oral e, sobretudo, sobre os problemas bucais relatados por nós e pelos demais participantes do curso.

Nesse sentido, vamos pensar em todas as pessoas, para as quais falamos sobre saúde bucal, no decorrer de nossas atividades profissionais. Quando você professor, desenvolveu com seus alunos atividades educativas em saúde bucal, ou quando participou de ações de promoção em saúde bucal na escola, junto com o profis-

sional dentista ou com o agente de saúde de sua comunidade.

Será que nesses momentos vocês conseguiram passar uma mensagem clara e objetiva? Será que a linguagem foi acessível? Será que vocês se permitiram ouvir as histórias deles? E como eles vivenciam o processo saúde-doença? Qual a concepção deles a respeito do adoecimento do corpo?

São esses e inúmeros outros questionamentos que nos direcionam, neste exato momento, à 3ª morada de pedra. Nossa! Foi tão rápida a viagem, que nem percebemos quando desembarcamos, e agora estamos aqui na entrada da trilha que irá nos levar àquela gradiosa serra. Vamos andando, temos um longo caminho pela frente, e quando chegarmos lá, nós iremos descansar um pouco e faremos um delicioso lanche. Merecemos!

Trouxeram o vinho de açaí? Não vão me dizer que esqueceram a farinha. Precisamos recuperar nossas energias, para então darmos início às nossas atividades nessa morada, na qual ficaremos

por um período de quatro horas. Tempo adequado para compartilharmos um pouco dos saberes tradicionais indígenas e dos saberes biomédicos sobre a doença cárie e as práticas de cuidados com os dentes, sobretudo, discutir a respeito da importância de conhecermos o território e a realidade do nosso aluno, buscando a contextualização das atividades educativas em saúde bucal na escola.

Veremos também o quanto é importante conhecermos suas particularidades culturais, suas tradições e o quanto é primordial desenvolver o diálogo e a escuta, durante essas ações educativas, e se sentirem necessidade, podem recorrer ao roteiro de viagem dessa quarta morada (Apêndice C), assim não teremos dúvidas sobre as nossas atividades a serem desenvolvidas neste momento.

De repente, as vozes dos participantes foram sumindo e se perdendo na trilha, e nos vimos de volta à canoa, sendo guiados pelos remos do Aru. Ainda temos vinho de açaí. Vocês são servidos?





Sabem de uma coisa? Estamos aqui pensando o quanto vocês devem estar assustados com tantas informações. Não foi fácil, sabemos disso, pois, foram quatro horas de discussão sobre os mecanismos da doença cárie, e ainda por cima, com muitos termos técnicos. Foi um grande desafio! Ainda bem que fomos reconfortados pelos saberes tradicionais indígenas, que também fizeram parte desta discussão. Mas, mesmo assim, os ventos de Aru ficaram mais intensos não ficaram?

No entanto, acreditamos que as leituras nos sites indicados, lhes ajudaram bastante e acalmaram seus pensamentos. Esperamos que as imagens em sua mente tenham ficando mais nítidas, principalmente depois de associadas às histórias

dos povos indígenas, a respeito das práticas de cuidados com o corpo e com os dentes, o que lhes ajudou a ter uma visão mais ampla do que vem a ser uma prática educativa em saúde bucal na escola indígena. Esperamos que a visita nesta terceira morada tenha lhes ajudado a enxergar melhor o Aru.

Agora estamos pressentindo algo de bom vindo por aí, imediatamente parece que tudo está ficando mais nítido, vocês não acham? Podemos até recontar todas as histórias compartilhadas na morada anterior e os acontecimentos vividos lá, e aqueles termos técnicos até se tornaram mais familiares agora nesse momento da viagem. A chuva diminui um pouco e os ventos ficaram menos fortes, e o Aru até parece que adormeceu. Será?

Na realidade, ele continua aqui, sentimos a sua presença e percebemos que ele está nos guiando lentamente, sem fazer muita zozada, afinal, o ritual não parou. Vocês conseguem enxergar toda aquela neblina tomando conta do igarapé a nossa frente? É o Aru que está concentrado e nos levando em direção à 4ª morada do conhecimento. Não estão percebendo? Arregalem bem os olhos, abram a mente e vejam o quanto é majestosa aquela montanha de pedras ali em frente. Ela parece bem maior que as outras que visitamos anteriormente. Até parece que dobrou de tamanho. Será que estamos imaginando coisas? Não dá para decidir ainda, mas, vamos em frente e ver o que essa 4ª morada de pedra nos oferece, lembrando que iremos ficar lá por volta de três horas, mas, se for necessário podemos fazer ajustes nesse intervalo

de tempo. Fiquem à vontade, mas antes não se esqueçam de rever o nosso 4º roteiro (Apêndice D), sempre é bom darmos uma olhada nas regras, para não nos esquecermos de nada.

Com um simples gesto Aru fez desaparecer sua canoa e seus remos de pedra, e soou seu canto: aruuu, aruuu, aruuu... que nos hipnotizou e de repente tudo ficou branco, levemente acinzentado. Pessoal? Vocês estão sentindo? Está extremamente frio! O Aru está concentrado expelindo neblina, percebam que a cerração está tomando conta de nós. De repente, tudo ficou embaçado e silencioso; confusos, fomos perdendo a força e o controle, conversamos sobre muitas coisas ao mesmo tempo, e tudo rodou, escureceu... apagou.





Quinta morada de Pedra

Estamos diminuindo os nossos passos. Vejam, nossos pés saíram do chão, estamos levitando no ar! Parece mágica. Estamos subindo cada cada vez mais alto, e vejam estamos sobrevoando a floresta do Alto Rio Negro, e numa vista lá de cima, podemos ver as casas sagradas às margens do Rio Negro, as grandes moradias de pedras, umas maiores, outras menores, umas se unindo a outras, se espalhando pela floresta em forma de serras, morros e montanhas. Um verdadeiro espetáculo de pedras! Opa! O que foi isso? Não se assustem, mas acho que estamos caindo! Calma! Estamos caindo sim, mas de uma forma muito lenta, flutuando no ar, como se fosse uma folha. Estamos sendo levados pelo vento, os ventos do Aru, e só agora estamos começando a ter consciência que estamos de volta à canoa, sob

o comando do mestre do remo, o nosso comandante Aru. Vocês se imaginaram nessa cena? Espero que essa parte da viagem os tenha feito sobrevoar por essa vastidão de floresta e lhes tenha permitido ver as inúmeras moradas de pedra. Não acreditamos que ficaram tão assustados com a queda!

Pois, agora meus caros participantes aventureiros, precisamos ser mais corajosos, o dia está acabando e estamos quase chegando à penúltima morada de pedra. Vamos precisar subir o morro e acampar lá em cima, pois como passaremos a tarde inteira no alto da serra, ficará muito tarde para voltarmos, assim já iremos preparados para pernoitar por lá mesmo, e quando o dia clarear tudo ficará mais nítido em nossas mentes e ve-

remos uma nova perspectiva para a essa Educação em Saúde bucal, novos ventos soarão em torno de todo esse conhecimento adquirido durante nossas visitas às moradias de pedra.

Será o momento da colheita. Sim a terra aqui é muito boa! Já posso até imaginar o aywrí (trabalho coletivo) para transportar essa nova perspectiva. Nós a levaremos em nossas costas, dentro dos aturás de cipó, e depois vamos prensá-la e deixá-la decantar, para então degustar das ideias extraídas dela, ideias inovadoras de uma Educação em Saúde bucal nas escolas indígenas. Mas, espera aí, um pouco, vamos devagar, nós quase te contamos o final de tudo. Fiquem calmos que ainda temos mais duas aventuras pela frente, esta 5ª morada de pedra e a próxima. Ainda tem muita coisa para acontecer.

Peguem suas redes, seus aturás, seus utensílios de caça e de fazer fogo, pois, estamos

quase chegando à 5ª morada de pedra, e o segredo para manter o ânimo é nunca pensar no final da caminhada, e sim que ela acabou de começar. Vamos, ânimo! E, como dizem por aqui, vamu, vamu vamu... tá na hora! Saiam da canoa e coloquem nos ombros as suas cargas, e não se esqueçam das garrafas d'água e lembrem-se precisamos andar juntos, o terreno é íngreme, e precisamos dar apoio uns aos outros, caso contrário não vamos conseguir chegar, juntos, lá em cima. Podemos relaxar nas partes planas e beber água. Tudo parece tão real não é mesmo? E mais uma vez, é bom reler as regras para essa 5ª morada de pedra (apêndice E), podemos ir lendo pelo caminho, assim a gente não perde tempo. Está tudo explicado no 5º roteiro é só acompanhar a leitura, e não esqueçam, vamos ficar lá por volta de quatro horas e depois vamos dormir por lá mesmo. Vai ser um entardecer lindo e um amanhecer inesquecível.





Sexta morada de Pedra

O dia está findando e o entardecer vem se aproximando como quem não quer nada, nos informando que a noite está chegando. Observem o céu, e vejam o movimento dos pássaros, percebam que eles estão retornando às suas casas, mas, antes estão aproveitando o último raio de sol para se alimentarem, é sua última refeição do dia. Isso nos faz lembrar que nós temos que fazer a mesma coisa, vamos atar nossa rede e preparar o nosso jantar, pois a tarde foi longa e produtiva nesta quinta morada de pedra, gastamos todas as nossas energias no processo criativo dos materiais didáticos, voltados para a Saúde bucal na escola indígena, e agora precisamos repor nossas energias.

De fato, a princípio foi muito difícil, pois

as ideias não vinham, ficamos um pouco desanimados, mas, as “dicas” dos participantes do Alto Rio Negro nos ajudaram bastante. Os materiais didáticos deles nos inspiraram a produzir os nossos, e surgiram tantas ideias, não foi mesmo? Vejam quantos materiais didáticos nós produzimos. Mas, agora precisamos descansar. Acabaram os trabalhos por hoje, e exatamente como os pássaros lá em cima, vamos aquietar nossas mentes e retornar aos nossos ninhos. Por falar em rede, trouxeram saco de dormir ou manta? A noite chegou e com ela vem uma perceptível queda da temperatura, principalmente agora que estamos em tempos de Aru, e a propósito onde andarás o nosso mestre do remo? O Aru gosta de pescar e deve ter ido, com toda sua calma e sabedoria, recolher os peixes de sua preferência, aracú, acará, piaba, assim

como nos contam as histórias dos velhos pajés.

Vamos dormir? Já está ficando bastante escuro. Acomodem-se em suas redes, e durmam logo, pois, amanhã temos que acordar bem cedo, iremos visitar nossa última morada de pedra. Estão com frio? Que tal imaginarmos que estamos usando um cobertor de nuvens e estamos deixando de fora apenas os olhos e o nariz. É brincadeira, não está tão frio assim, e a chuva, enfim deu uma trégua. Silêncio, vamos dormir! Amanhã teremos um dia longo pela frente.

Mal pegamos no sono e já amanheceu? Sintam os primeiros raios do dia atravessando nossas redes. Acordem, acordem! Tá na hora! São cinco da manhã, é hora de descermos a serra, para tomarmos um banho no igarapé, antes do café. Vamos, e enquanto caminhamos aproveitamos para reler o roteiro da nossa última morada de pedra, o último encontro da viagem, e depois, lá em baixo, o nosso prêmio será um merecido banho nas águas geladas da corredeira. Sim, esta que vem daqui de cima, do alto da serra.

As regras desse encontro estão todas detalhadas aqui nesse 6º roteiro (Apêndice F), é só acompanhar a leitura, que vocês vão entender exatamente como devemos proceder. Não iremos ficar muito tempo nessa última morada, apenas duas horas, tempo suficiente para refletirmos sobre todas as nossas aprendizagens e descobertas que ocorreram ao longo dessa viagem.

Agora que acabamos de reler todo o roteiro, podemos descer a serra mais rapidamente, mas, com cuidado para não caírem. Olhem lá embaixo! Atentem para aquele ponto mais forte do córrego. Não parece uma grande rocha se projetando para dentro do rio? Com seus relevos, uns

maiores e outros menores, uns rasos e outros profundos, uma perfeita obra da natureza, que durante a cheia, fica encoberta pelas águas, impossível de se ver. Mas, hoje demos sorte, pois neste momento o rio está na metade do processo de enchente. Essa rocha que parece que foi colocada no meio do rio, é a nossa 6ª casa de pedra. Sejam bem-vindos à 6ª morada!

Mas, calma aí, agora que chegamos aqui em baixo e vendo-a mais de perto, podemos perceber que na verdade, trata-se de três formações rochosas isoladas, de variados tamanhos, que ao longe, se mostrava como uma enorme formação rochosa, uma enorme morada de pedra.

Sim! É claro, agora podemos entender melhor, tudo o que vivemos nesta viagem. De repente, parece que tudo ficou mais nítido. Antes, no início do curso, mesmo estando perto da estrutura rochosa, víamos apenas três morros isolados, o morro da educação, o morro da saúde bucal e o morro da mitologia indígena. Não tínhamos conhecimento suficiente para entender do que realmente se tratava. Mas, aos poucos, durante os encontros formativos, fomos nos aproximando cada vez mais dessas estruturas, e por meio dos estudos e das leituras sentimos uma necessidade de uni-las. Unir o fazer pedagógico do educador, com as práticas educativas de atenção à saúde bucal, associadas à realidade, à cultura e aos saberes tradicionais dos povos indígenas. E somente então percebemos que, na verdade, se tratava de uma única estrutura rochosa, ao qual simbolicamente chamamos de “uma nova perspectiva”.

Exatamente! Era isso que buscávamos enxergar o tempo todo. Buscávamos enxergar o Aru. Enxergar essa nova perspectiva para a Educação em Saúde bucal na escola indígena, simboli-

camente representada pela união dos três morros; um trabalho em conjunto dos profissionais da Educação e da Saúde, envolto nas particularidades culturais e tradicionais do educando.

Essa foi a nossa reflexão de tudo que ocorreu nesses seis encontros, nas moradas de pedra. Tudo parece real demais. Não! Parece um sonho! Não! Não parece um sonho. O que é então? Novos ventos para a Educação em Saúde bucal na escola indígena. Uma nova perspectiva. Um novo desafio. É tempo de Aru.

Será que enfim conseguimos ver o Aru? Vocês estão sentindo o cheiro e os frescores dos ventos? Parece que o ritual chegou ao fim, mas não se enganem, pois logo ele se renovará, porque a vida é um ciclo. Todos os momentos sagrados os quais vivemos em cada morada de pedra, já aconteceram. Os anciãos, anciãs, líderes comunitários, pajés, crianças e demais membros da comunidade estão todos aqui, nesse momento, para banharem-se neste remanso da corredeira. Mas, calma aí! De onde veio toda essa gente? Como isto pode está acontecendo? Como viemos parar aqui nesta festa?

Vejam! Grandes cuias circulam de mão em mão, e todos estão dando uma grande golada na bebida, neste líquido fermentado, e agora chegou a nossa vez! Parece um pouco ácido e um pouco doce ao mesmo tempo. E vocês? O que acharam?

Assim, o dia seguiu seu caminho, a cerimônia acabou e a grande fogueira, ao pé da serra, se apagou, homens e mulheres pararam de dançar, e o lindo canto que saia de seus instrumentos musicais cessou. Os adereços e enfeites da festa foram recolhidos. A cerimônia chegou ao fim. Foi tudo muito lindo, não foi? Mas, meus caros viajantes, precisamos ir. O Aru está nos esperando, lá na margem do rio, dentro de sua canoa. Ele vai nos levar para casa, é hora de voltarmos à nossa rotina de trabalho, às nossas obrigações.

Vejam, estão vendo aquela corredeira cheia de pedras ali em frente? Segurem-se! Vamos passar por ela, agora, e logo ali, mais adiante, vocês conseguem enxergar as luzes acesas em nossa aldeia? São as novas perspectivas para a Educação em saúde bucal nas escolas indígenas. Estamos em casa!





Parte III

Enxergando o Aru

A imagem do Aru foi se tornando cada vez mais nítida à medida que visitávamos cada morada de pedra, e tudo ficou mais claro na 6ª morada, quando as remadas fortes do Aru avançavam rio acima, rio abaixo, deixando bem claro quem estava no comando da viagem.

De repente por detrás de uma densa floresta, um gigante de pedras começou a se erguer, uma enorme estrutura rochosa, ao qual denominamos de nova perspectiva, uma nova perspectiva para a Educação em Saúde bucal nas escolas indígenas.

Na verdade, à medida que fomos se aprofundando mais nas leituras e nos estudos do curso, percebemos que esse enorme gigante de pedras não era único, mas sim formado pela união

de outros três morros, o morro da educação, o morro da saúde bucal e o morro da mitologia indígena. Assim foi acontecendo o processo de enxergar o Aru, ao qual foi sendo definido por meio de novos olhares, o primeiro deles direcionado para o “fazer pedagógico do professor”, o segundo, apontado para as “práticas de atenção à saúde bucal” e o terceiro, voltado para a “realidade das comunidades indígenas, com seus saberes tradicionais, sua cultura, mitos e tradições”.

Assim, fomos enxergando o Aru que se frutificou na estrutura desse curso de formação continuada, que por sua vez, surgiu de nossa “reflexão sobre a reflexão na ação”, quando então percebemos que podíamos ir mais adiante, ou seja, que podíamos alcançar uma nova perspectiva para a

Educação em Saúde bucal nas escolas indígenas.

Contudo, a partir de todas essas considerações feitas até aqui, sentimos também a necessidade de expressarmos outros olhares, outras possibilidades para esta formação continuada, no qual, por meio de novas remadas, Aru poderá nos levar para outras viagens, onde poderemos dar continuidade a esse produto educacional, quiçá em projetos futuros no doutorado, em busca de ampliar o olhar para o nosso público alvo, que é o professor indígena da Educação básica.

Para tanto essa necessidade de dar novas remadas, de dar continuidade ao desenvolvimento/execução deste curso de formação continuada, surge de forma expressiva, como resultado de nossas vivências, a existência de dois grandes obstáculos: o primeiro em relação ao professor formador; o segundo quanto ao material para uso do professor indígena.

O primeiro está relacionado à falta de conhecimento do professor formador nos temas de saúde bucal a serem abordados nos encontros formativos, e como solução sugerimos uma leitura prévia em textos educativos presentes nos sites odontológicos, que tratam da doença cárie e dos cuidados de higiene, por meio de uma linguagem simples e didática. E mais, o formador também poderá convidar diferentes profissionais que tenham experiência e conhecimento nos assunto, como forma de enriquecer as ações do curso. Além disso, ao realizar os procedimentos do curso, ele também pode se considerar em processo de formação. Já que ao realizar as leituras e atividades, e participar das discussões, ele também passa por uma vivência formativa.

O segundo obstáculo está relacionado, à

inexistência de um material de apoio exclusivo ao professor indígena da educação básica, uma espécie de “cartilha ou manual” contendo informações sobre a estrutura do órgão dentário, sobre o mecanismo de desenvolvimento da doença cárie e os cuidados de higiene oral, de forma que esse profissional possa ter “um guia” para suas práticas educativas em saúde bucal na sala de aula. O que justifica pensarmos em novas possibilidades, com projetos futuros, no sentido de prosseguirmos nesta pesquisa, para construir esse material de apoio ao professor indígena.

Acreditamos que esses novos olhares para essa formação continuada em Educação em Saúde bucal, irão possibilitar nossas percepções e reflexões, no sentido de enxergar essa proposta formativa, também, como uma possibilidade de desenvolver ações educativas conjuntas nas escolas indígenas, envolvendo os profissionais da equipe de saúde bucal e os profissionais da educação, em especial os professores, uma aliança em benefício da saúde bucal da população escolar indígena.

Da mesma forma desejamos que vocês, participantes do curso tenham aceitado o convite de sair da sua “zona de conforto” em busca de descobrir o “novo”, de assumir os “desafios”, de enfrentar o Aru, com seus ventos, chuvas e friagens.

Aceitar esse convite é um esforço constante de não ser como os arirambás, acomodados, resistentes a mudanças, e sim, como as ariranhas, abertos a novas experiências, e desafios, pois, como dizem os velhos povos do Alto Rio Negro, “É tempo de Aru”, trazendo novos ventos para a Educação em Saúde bucal nas escolas indígenas.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE VIAGEM DA 1ª MORADA DE PEDRA

APÊNDICE B - ROTEIRO DE VIAGEM DA 2ª MORADA DE PEDRA

APÊNDICE C - ROTEIRO DE VIAGEM DA 3ª MORADA DE PEDRA

APÊNDICE D - ROTEIRO DE VIAGEM DA 4ª MORADA DE PEDRA

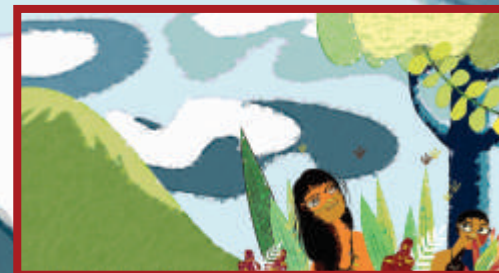
APÊNDICE E - ROTEIRO DE VIAGEM DA 5ª MORADA DE PEDRA

APÊNDICE F - ROTEIRO DE VIAGEM DA 6ª MORADA DE PEDRA

**APÊNDICE G - PASSO A PASSO DA CONSTRUÇÃO DOS MATERIAIS
DIDÁTICOS EM SAÚDE BUCAL**



Roteiro de Viagem da primeira Morada de Pedra



1. Para onde vamos?

O nosso destino é a 1ª morada de pedra, geograficamente conhecida como um morro ou uma serra.

2. O que buscamos nessa morada?

Buscamos discutir como vem sendo feita a prática educativa em Saúde bucal na escola indígena.

3. Quanto tempo nós iremos ficar?

Iremos ficar nessa morada de pedra por um período de três horas.

4. Quais as atividades a serem desenvolvidas pelo formador?

- O formador irá estimular os participantes a exporem suas ideias, necessidades e expectativas sobre o tema “Saúde bucal na escola indígena”, no sentido de estimular os participantes a compartilharem suas experiências referentes às ações educativas em saúde bucal, que adquiriram durante seu percurso profissional.
- O formador também irá dividir a turma em pequenos grupos para que façam a leitura nos documentos que trata da temática “Saúde

de bucal na escola indígena” (ver indicações de leitura, ao final dessa morada), e sugerir que cada participante faça anotações em seu caderno, destacando pontos importantes que deverão se levados para a discussão geral dos grupos. As leituras podem ser por meio de textos impressos ou por meio de mídia eletrônica.

5. Quais as atividades a serem desenvolvidas pelos participantes?

- Os participantes irão expor suas ideias, necessidades e expectativas a respeito do tema, como também, compartilhar suas possíveis experiências de atividades educativas em saúde bucal que realizaram individualmente ou que participaram, em conjunto com outros profissionais.
- Os participantes também irão relatar como essas ações educativas aconteceram e como eles gostariam que elas acontecessem no espaço escolar indígena, uma espécie de confronto entre “expectativa e realidade”.
- Por fim, os participantes irão ler, em seus gru-

po geral, pontos dos documentos retratam a temática “Saúde bucal na escola indígena” e posteriormente irão discutir no grupo geral, pontos dos documentos que foram destacados por eles.

6. Quais são os nossos recursos para esse trajeto da viagem?

Para uma melhor compreensão da temática “Saúde bucal na escola indígena”, sugerimos que façamos uma leitura nos seguintes documentos:

Podemos imprimir o texto ou fazer uso das mídias eletrônicas (celular, tablete, computador, notebook, projetor de imagens, entre outros) para a leitura de tais conteúdos. Além disso, podemos também fazer uso dos materiais de papelaria (pincel, lápis de cor, cartolina, entre outros) na confecção de cartazes explicativos sobre os temas estudados, para serem usados nas nossas discussões em grupo.

7. Quais os critérios usados para avaliar essa primeira morada?

O agente formador irá avaliar a participação e o envolvimento dos participantes durante as discussões em grupo e exposições orais individuais.

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Diretrizes para a Atenção à Saúde Bucal nos Distritos Sanitários Especiais Indígenas**. Brasília: Funasa/Ministério da Saúde, 2011. Disponível em:

http://www.saude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/07/DAB_DIRETRIZES_INDIGENA_POLITICA_DE_SAUDE_BUCAL_2011.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. 2. ed. Brasília: MEC/SECAD, 2005. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002078.pdf>.

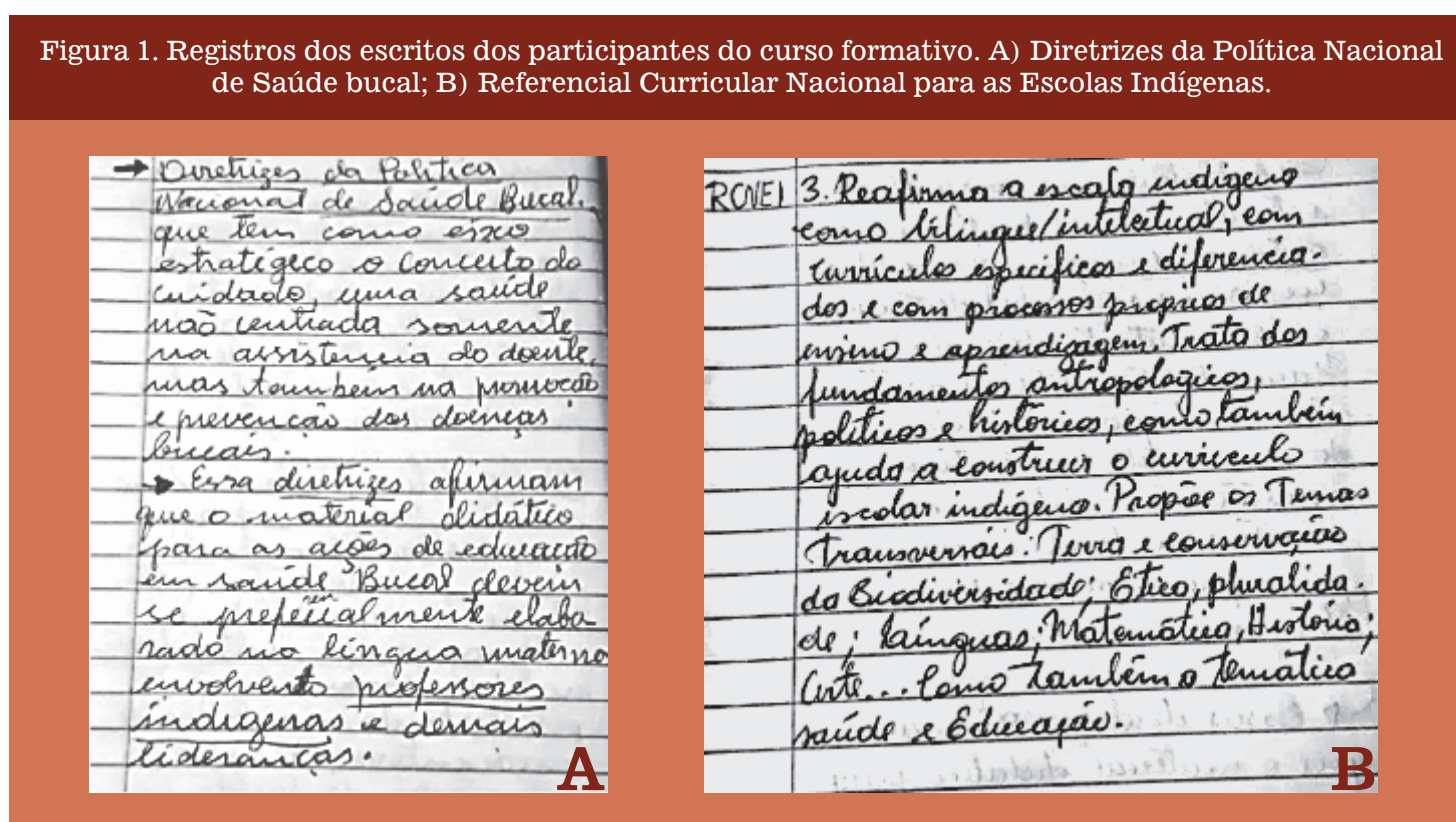
Uma experiência vivida

Os professores indígenas do Alto Rio Negro, também vivenciaram esse momento de discussão e reflexão a respeito dos documentos oficiais, que regem e amparam o diálogo sobre a Educação em Saúde bucal na escola indígena. Foram discutidas as diretrizes da Política Nacional de Saúde Bucal, mais especificamente, as diretrizes para a Atenção à Saúde bucal nos Distritos Sani-

tários Especiais Indígenas, como também os escritos do 17º Caderno de Atenção Básica da Saúde bucal, pois ambos enfatizam uma abordagem multiprofissional na execução de ações educativas e preventivas em saúde bucal, aliadas à manutenção das práticas tradicionais e respeito à cultura. Outro documento, bastante discutido foi o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (BRASIL, 2005);

Após a leitura dos documentos os participantes do curso fizeram registros escritos a respeito do seu entendimento desses conteúdos, com destaque para pontos que eles julgaram importantes, para a posterior discussão em grupo. Na figura 1, mostramos alguns dos fragmentos extraídos dos cadernos de anotações desses professores.

Figura 1. Registros dos escritos dos participantes do curso formativo. A) Diretrizes da Política Nacional de Saúde bucal; B) Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.



Fonte: Arquivo de imagens do curso (2019).

Roteiro de Viagem da segunda Morada de Pedra



1. Para onde vamos?

O nosso destino é a 2ª morada de pedra.

2. O que buscamos nessa morada?

Buscamos uma troca de experiências entre os participantes sobre suas vivências com a doença cárie, os problemas bucais enfrentados nas fases de sua vida e os cuidados de higiene oral praticados por eles.

3. Quanto tempo nós iremos ficar?

Iremos ficar nessa morada de pedra por um período de quatro horas.

4. Quais as atividades a serem desenvolvidas pelo formador?

- O formador irá estimular os participantes a trocarem experiências sobre a doença cárie e os possíveis problemas bucais enfrentados por eles durante a vida, de forma a compartilharem seus relatos sobre os cuidados de higiene oral, situações que foram vividas por eles, desde a infância até os dias de hoje.

5. Quais as atividades a serem desenvolvidas

pelos participantes?

- Os participantes deverão contar suas experiências sobre a doença cárie e os possíveis problemas ou traumas enfrentados, como também poderão relatar as experiências boas que tiveram com seus dentes. Deverão compartilhar os cuidados vividos desde a infância até os dias de hoje.

6. Quais são os nossos recursos para esse trajeto da viagem?

Podemos fazer uso de materiais de papelaria (pincel, lápis de cor, cartolina, papel ofício, caneta, lápis, borracha, cola, entre outros).

7. Quais os critérios usados para avaliar essa primeira morada?

O agente formador irá avaliar a participação e o envolvimento dos participantes durante as atividades desenvolvidas no encontro (exposição oral, registros escritos, desenhos, dramatização, entre outras).

Uma experiência vivida

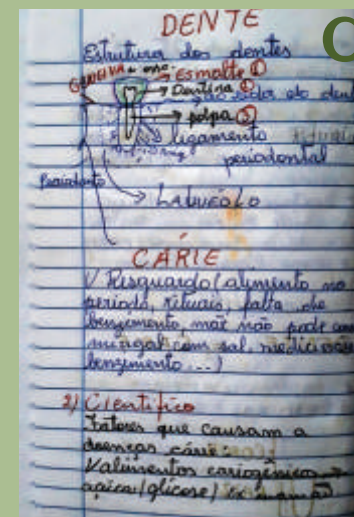
Os professores do Alto Rio Negro-AM também viveram esse momento de troca de experiências sobre os conceitos referentes à doença cárie e os cuidados com os dentes. No qual eles compartilharam suas vivências, desde a infância até a fase adulta, de cuidados com os dentes, bem como, os seus entendimentos culturais sobre o processo de adoecimento, no contexto geral do processo saúde-doença, em particular da doença cárie.

O moderador do grupo deu início ao processo, compartilhando suas histórias de cuidados com os dentes, envolvendo seus possíveis medos, traumas, formas de acesso ao dentista, tipos de tratamento, entre outros, seguido dos demais participantes, e ao final, ele fez uma síntese dos relatos apresentados, buscando pontos em comum, como também os pontos divergentes na fala dos participantes.

Essas experiências dos participantes com os cuidados dos dentes também foram registradas por meio de uma linguagem escrita e pela criação de desenhos. Para exemplificar essa tarefa apresentamos, na figura 1, os registros escritos dos professores que participaram do curso formativo, no Alto Rio Negro.

Figura 1. Experiências dos participantes a respeito de seus conhecimentos sobre a doença cárie e os cuidados com os dentes. A) registro escrito; B) desenho do dente destruído por “bichos imaginários”. C) estrutura do dente e relações da doença cárie com benzimentos e resguardos da cultura indígena.

no minha infância que
eu não lembro nunca
ter medo de dentista, quando
eles chegavam na comunidade
sempre participei das orienta-
ções que eles fazavam, de
que eu tinha medo é de um
dia ter que extrair o meu
tooth dent, sempre ficava
pensando, como será que é



Fonte: Arquivo de imagens do curso (2019).

Roteiro de Viagem da terceira Morada de Pedra



1. Para onde vamos?

O nosso destino é a 3ª morada de pedra.

2. O que buscamos nessa morada?

Buscamos compartilhar conhecimentos científicos e tradicionais entre os participantes sobre o processo de adoecimento dos dentes e os cuidados de higiene oral, de forma a unir os saberes biomédicos com os tradicionais dos povos indígenas.

3. Quanto tempo nós iremos ficar?

Iremos ficar nessa morada de pedra por um período de quatro horas.

4. Quais as atividades a serem desenvolvidas pelo formador?

- O formador irá mediar o estudo sobre o órgão dentário, o desenvolvimento da doença cárie, e os cuidados de higiene oral, e para uma leitura sobre os conceitos científicos referentes a esses assuntos, ele convidará os participantes à visitarem sites de conteúdos odontológicos sugeridos mais adiante, no tópico “6”, onde destacamos os recursos para esse encontro.

- Em seguida ele solicitará que os participantes façam anotações à respeito dos pontos que lhes chamaram mais atenção e as possíveis dúvidas surgidas, para em seguida discutirem em grupo.
- O formador também estimulará os participantes a contribuírem com seus conhecimentos prévios a respeito dos assuntos, num processo de escuta e diálogo entre os saberes tradicionais dos povos indígenas com os saberes biomédicos.
- E para complementar o estudo nessa 3ª morada de pedra, o formador estimulará os participantes a discutirem sobre a importância de conhecer o ambiente e a população assistida, no sentido de desenvolver práticas educativas em Saúde bucal voltadas para a realidade do educando.

5. Quais as atividades a serem desenvolvidas pelos participantes?

- Os participantes deverão fazer um estudo sobre o desenvolvimento da doença cárie, e os cuidados de higiene oral. Para tanto, deverão visitar os sites sugeridos pelo professor

formador e anotar os pontos que lhes chamaram mais atenção e as possíveis dúvidas surgidas, e em seguida participar de uma discussão em grupo.

- Os participantes também deverão contribuir com seus conhecimentos prévios a respeito dos assuntos, no sentido de relatar a visão indígena sobre o processo de adoecimento do corpo e suas práticas de cuidados com os dentes, num processo de escuta e diálogo entre os saberes tradicionais dos povos indígenas com os saberes biomédicos.
- E por fim, os participantes deverão discutir sobre a importância de se conhecer o ambiente e a população assistida, no sentido de

desenvolver práticas educativas em Saúde bucal voltadas para a realidade do educando, buscando contextualizar sua prática educativa.

6. Quais são os nossos recursos para esse trajeto da viagem?

Para uma melhor compreensão dos assuntos relacionados à Saúde bucal no sentido de adquirirmos conhecimentos a respeito da anatomia da boca e do dente, e do mecanismo de desenvolvimento da doença cárie e os métodos de higiene oral, além de outros conhecimentos voltados para essa temática educativa, sugerimos que façamos uma visita nos sites a seguir:

<https://www.colgate.com.br/oral-health/basics/mouth-and-teeth-anatomy>
<https://www.colgate.com.br/oral-health/conditions/cavities>
<https://www.colgate.com.br/oral-health/basics/brushing-and-flossing/how-to-brush>
<https://www.colgate.com.br/oral-health/basics/brushing-and-flossing/how-to-floss>
<https://oralb.com.br/pt-br/artigos-cuidado-bucal/como-prevenir-a-carie-dentaria>
<https://oralb.com.br/pt-br/artigos-cuidado-bucal/alimentos-que-ajudam-a-prevenir-a-carie>

Como também assistir aos seguintes vídeos:

Vídeo 1: O que é cárie? Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=D6W6dTzLvkw>

Vídeo 2: Cárie dentária e sua influência sobre a saúde. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=xVf3psPXOfk>

Vídeo 3: Como escovar os dentes corretamente. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=BBvHrSNR7f4>

Para tanto, podemos imprimir o texto com informações e ilustrações presentes nesses sites ou fazer uso das mídias eletrônicas (celular, tablete, computador, notebook, projetor de imagens, entre outros) para o estudo de tais conteú-

dos. Além disso podemos também fazer uso dos materiais de papelaria (pincel, lápis de cor, cartolina, entre outros) na confecção de cartazes explicativos sobre os temas estudados, para serem usados nas nossas discussões em grupo.

7. Quais os critérios usados para avaliar essa primeira morada?

O agente formador irá avaliar a participação e o envolvimento dos participantes durante as ativi-

dades desenvolvidas no encontro (leitura dos conteúdos nos sites, discussão em grupo, exposições orais individuais, registros sobre os textos informativos, entre outras).

Uma experiência vivida

Durante o curso formativo dos professores indígenas do Alto Rio Negro em Educação em Saúde bucal, também houve esse momento destinado ao resgate dos conhecimentos tradicionais empíricos a respeito do adoecimento do corpo e dos dentes, associados aos conhecimentos biomédicos da doença cárie, de forma a permitir um entrelaçamento entre esses dois saberes.

O mediador do curso apresentou os mecanismos científicos relacionados ao desenvolvimento da doença cárie, as suas causas e consequências e os métodos de prevenção e promoção, por meio de uma explanação oral, no qual pode utilizar recursos didáticos, como vídeos e slides, macromodelos, cartazes, entre outros, de uma forma dinâmica e dialogada, permitindo que os professores também pudessem contribuir com seus conhecimentos prévios tradicionais, num processo de escuta e diálogo entre os saberes da medicina ocidental e os saberes tradicionais indígenas.

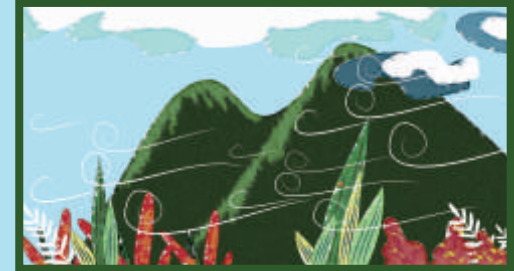
Para enriquecer este momento, o mediador sugeriu aos participantes que convidassem um membro da sua comunidade, que estivesse disposto a compartilhar as histórias de vida do seu povo, no sentido de complementar o encontro com narrativas sobre sua cultura, rituais e tradições indígenas, como também, com suas vivências acerca do processo de adoecimento do corpo.

Para exemplificar esse encontro, a seguir trazemos a fala do convidado indígena:

Quando a criança nasce, os pais devem fazer um resguardo de 20 dias, sem comer caça, e sim mingau de farinha, beiju, manuara (formiga) e o primeiro banho do recém-nascido deve ser feito com água benzida [...] A medicina do branco trata dos sintomas da doença do branco, enquanto a medicina do índio cura a doença da alma, causada por espíritos de animais da mata e/ou das águas que atingiram o corpo das pessoas que não foram benzidas[...] As crianças pequenas, que ainda não perderam os dentes, não podem comer certas frutas, como tucumã, abil, ingá, pois se tiverem com larvas, elas entram no dente e causam doença, e o dente fica com um buraco. Na primeira menstruação da menina ela não pode sair de casa por 15 dias, pois, o sangue pode atrair animais da floresta e nem pode nadar no rio, pois pode ser perseguida pelo boto. Esse resguardo evita que ela tenha problemas de saúde mais tarde, quando ficar mais velha, como dor de dente e dor no corpo.

Dessa forma, percebemos que para o indígena o processo saúde e doença vai além do visível, perpassa o espírito e o mundo imaginário da mitologia, e quando há um desequilíbrio entre o corpo e a alma, devido a um mau comportamento, seja por quebra de tabus, regras ou ritual, surgem as doenças do corpo. Um olhar diferenciado sobre o mundo e o processo de adoecimento.

Roteiro de Viagem da quarta Morada de Pedra



1. Para onde vamos?

O nosso destino é a 4ª morada de pedra.

2. O que buscamos nessa morada?

Buscamos socializar em grupo os conceitos estudados a respeito da doença cárie e dos cuidados de higiene oral, usando sua própria linguagem cultural.

3. Quanto tempo nós iremos ficar?

Iremos ficar nessa morada de pedra por um período de três horas.

4. Quais as atividades a serem desenvolvidas pelo formador?

- O formador irá ajudar os participantes a organizarem e estruturarem suas ideias sobre os conceitos estudados a respeito do desenvolvimento da doença cárie, e dos cuidados de higiene oral. Como também, irá promover atividades de socialização em grupo para exposição desses conceitos.

5. Quais as atividades a serem desenvolvidas pelos participantes?

- Os participantes irão organizar e estruturar individualmente suas ideias sobre os conceitos estudados a respeito do desenvolvimento da doença cárie, e dos cuidados de higiene oral. Como também, irão socializar em grupo sua compreensão a respeito de tais conceitos, usando sua própria linguagem cultural.

6. Quais são os nossos recursos para esse trajeto da viagem?

Podemos fazer uso de materiais de papelaria (pincel, lápis de cor, cartolina, papel ofício, caneta, lápis, borracha, cola, entre outros). Além dos Materiais regionais (palhas, fios madeiras, gravetos, folhas, escamas de peixe, sementes, entre outros).

7. Quais os critérios usados para avaliar essa primeira morada?

O agente formador irá avaliar a participação e o envolvimento dos participantes durante as atividades desenvolvidas no encontro (registros escritos, desenhos, exposição oral, dramatização, maquete, quadro, painel, entre outros).

Uma experiência vivida

Os participantes do Alto Rio Negro também tiveram a oportunidade de mostrar o seu entendimento sobre a doença cárie e os métodos de higiene oral associados ao seu conhecimento tradicional sobre o processo de adoecimento do corpo, usando sua própria linguagem, cultura, costumes e tradições. Nesse encontro o moderador organizou atividades de socialização com os participantes, dando início a um processo que foi denominado de *Organização e estruturação dos conceitos compartilhados*.

Todo esse conhecimento compartilhado foi expresso, pelos participantes do curso, por meio de atividades orais e escritas, uns apresentaram cartazes com desenhos e escritos sobre o aprendizado, outros fizeram seus registros escritos nos cadernos de anotações, outros também fizeram suas exposições orais, atividades nas quais eles puderam externar suas compreensões sobre os conceitos estudados e discutidos. Para exemplificar esse momento, apresentamos, na figura 1, os registros desse processo.

Figura 1. Registros das atividades desenvolvidas pelos professores do Alto Rio Negro nos momentos de “Organização e estruturação dos conceitos compartilhados”.



Fonte: Arquivo de imagens do curso (2019).

Roteiro de Viagem da quinta Morada de Pedra



1. Para onde vamos?

O nosso destino é a 5ª morada de pedra.

2. O que buscamos nessa morada?

Buscamos criar materiais didáticos voltados para a temática “Educação em Saúde bucal na escola indígena”, envolvendo a doença cárie e métodos preventivos de higiene oral, dentro da sua realidade cultural.

3. Quanto tempo nós iremos ficar?

Iremos ficar nessa morada de pedra por um período de quatro horas.

4. Quais as atividades a serem desenvolvidas pelo formador?

- O formador irá incentivar os participantes a criarem materiais didáticos voltados para a temática “Educação em Saúde bucal na escola indígena”, envolvendo a doença cárie e métodos preventivos de higiene oral, dentro de sua própria realidade cultural.

5. Quais as atividades a serem desenvolvidas pelos participantes?

- Os participantes irão rever os conceitos relacionados à doença cárie e aos cuidados de higiene oral estudados anteriormente, e pensar em diferentes formas de se trabalhar essa temática na escola, na sua realidade, com o aluno, buscando sua própria linguagem cultural, mitos e tradições.
- Os participantes irão criar materiais didáticos voltados para a temática “Educação em Saúde bucal na escola indígena”, envolvendo a doença cárie e métodos preventivos de higiene oral, sempre se voltando para a sua realidade cultural.

6. Quais são os nossos recursos para esse trajeto da viagem?

Podemos fazer uso de materiais de papelaria (pincel, lápis de cor, cartolina, papel ofício, caneta, lápis, borracha, cola, entre outros). Além dos Materiais regionais (palhas, fios madeiras, gravetos, folhas, escamas de peixe, sementes, entre outros). E para conhecer o processo de produção dos materiais didáticos em Saúde bucal criados pelos professores indígenas do Alto Rio Negro, podemos observar o “passo a passo” dessa criação, no apên-

dice G.

7. Quais os critérios usados para avaliar essa primeira morada?

Uma experiência vivida

Os professores do Alto Rio Negro, participantes do curso formativo em Educação em Saúde bucal também tiveram um espaço para expor e discutir em grupo suas ideias para a criação de materiais didáticos voltados para o trabalho educativo da saúde bucal na escola, de forma a incentivar o aluno para os hábitos saudáveis de higiene oral, prevenindo a doença cárie e estimulando o autocuidado.

Neste momento o moderador foi de suma importância, pois além de incentivar todo esse processo criativo, ele ainda resgatou juntamente com os demais participantes todos aqueles conceitos sobre cárie e cuidados de higiene oral que foram aprendidos e discutidos nos encontros anteriores, tomando-os como base para a criação dos materiais didáticos, atentando para as diferentes faixas etárias e, sobretudo, considerando os costumes e tradições indígenas, dentro de um espaço de vivências próprias, interagindo os saberes técnicos e tradicionais. A partir de então, eles buscaram uma forma para dinamizar essa atividade, e então se deu início a um novo processo no curso, o processo de construção dos materiais didáti-

O agente formador irá avaliar a participação, proatividade e envolvimento dos participantes no processo de criação dos materiais didáticos.

cos, ao qual eles denominaram de “Mão na massa”.

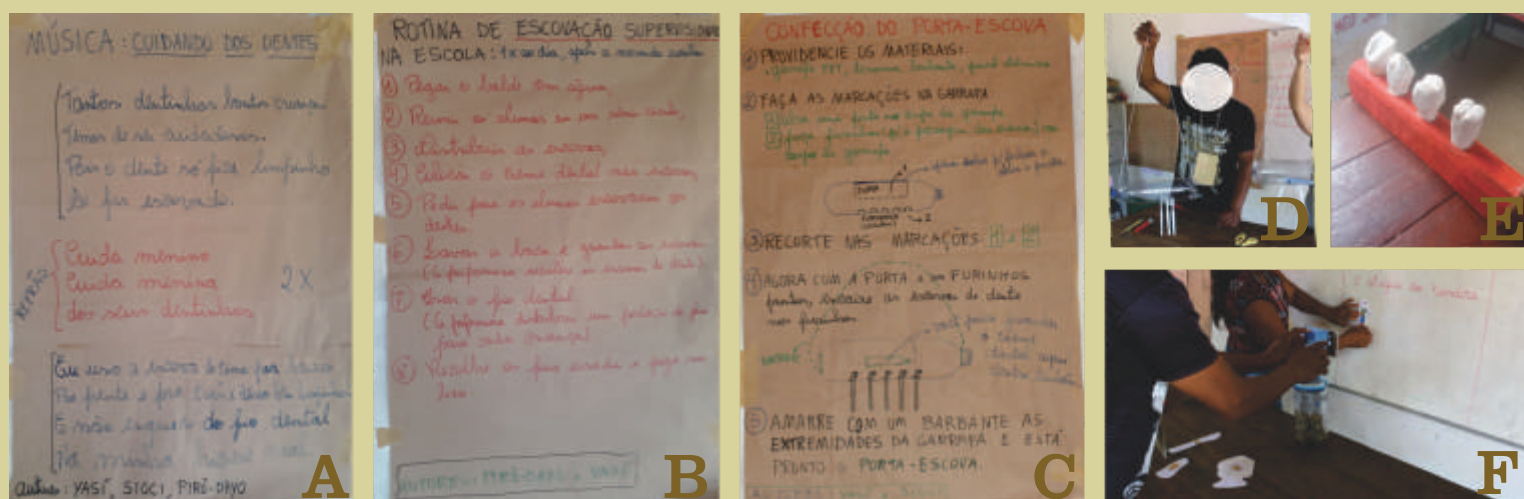
Para exemplificar esse momento apresentamos, na figura 1, os registros do processo “Mão na massa” dos professores do Alto Rio Negro-AM, como também suas produções finais (figura 2): A) Composição de uma música sobre os cuidados de higiene oral, denominada “Cuidando dos dentes”; B) Escrita de um roteiro para a escovação dos dentes, após a merenda da escola, que eles chamaram de “Rotina diária de escovação supervisionada na escola”, acompanhado de um passo a passo da “Higiene oral”; C) Confeção do “Porta-escovas de dente”, acompanhado de um roteiro para sua construção, utilizando como matéria prima uma garrafa plástica; D) Criação de uma história sobre a cárie dentária, chamada “O ataque do Kandiru”, inspirado em um peixe da região, utilizando a técnica do Stop motion, e por fim; E) Construção de “Macromodelos de dentes”, utilizando como matéria prima, uma madeira da região, o molongó, que é bem leve e fácil de ser esculpida.

Figura 1. Registros do momento “Mão na massa” dos professores do Alto Rio Negro-AM.



Fonte: Arquivo de imagens do curso (2019).

Figura 2. Materiais didáticos criados e confeccionados pelos participantes do curso: A) música; B) roteiro da escovação supervisionada na escola; C) roteiro de confecção do porta-escovas de dente; D) porta-escovas de dente; E) macromodelos de dentes feitos de madeira (molongó); F) história usando a técnica do Stop motion.



Fonte: Arquivo de imagens do curso (2019).

Roteiro de Viagem da sexta Morada de Pedra

Apêndice - F



1. Para onde vamos?

O nosso destino é a 6ª morada de pedra.

2. O que buscamos nessa morada?

Buscamos refletir sobre o nosso crescimento pessoal como também profissional referente aos conhecimentos que foram adquiridos no decorrer dos encontros, articulados com nossas vivências, práticas, costumes e tradições, que simbolicamente, representa uma busca para enxergar o Aru, o novo tempo, a nova perspectiva para a “Educação em Saúde bucal na escola indígena”.

3. Quanto tempo nós iremos ficar?

Iremos ficar nessa morada de pedra por um período de duas horas.

4. Quais as atividades a serem desenvolvidas pelo formador?

- O formador irá incitar os participantes a fazerem uma reflexão individual sobre o seu crescimento pessoal e profissional adquirido no decorrer dessa viagem, nas visitas em cada morada de pedra, de forma a encorajá-los a enxergar o Aru. Nesse momento o formador

pedirá aos participantes que destaquem pontos importantes dessa reflexão e anotem em seus cadernos para a posterior discussão em grupo;

- Em seguida, o formador e os participantes farão uma discussão em grupo sobre os momentos vividos, em cada morada de pedra, onde cada um deles irá expor suas reflexões sobre o aprendizado e sobre as atividades desenvolvidas, como também tecer suas considerações finais a respeito do processo formativo, na tentativa de juntos enxergarem o Aru.

5. Quais as atividades a serem desenvolvidas pelos participantes?

- Os participantes irão fazer uma reflexão sobre o seu crescimento pessoal e profissional adquirido no decorrer dessa viagem, nas visitas em cada morada de pedra, na busca de enxergar o Aru.
- Em seguida, todos farão uma discussão em grupo sobre os momentos vividos, em cada morada de pedra, onde eles irão expor suas reflexões sobre o aprendizado e sobre as ativi-

dades desenvolvidas, como também tecer suas considerações finais a respeito do processo formativo, na tentativa de juntos enxergarem o Aru.

6. Quais são os nossos recursos para esse trajeto da viagem?

Iremos fazer uso de recursos subjetivos, ou seja, uso dos nossos pensamentos, ideias, opiniões e considerações sobre nossa participação, nossas atitudes e comportamentos durante esta viagem, que teve como destino final uma formação conti-

Uma experiência vivida

Os participantes do Alto Rio Negro, durante o encerramento da sua formação continuada também tiveram a oportunidade de refletir sobre o seu aprendizado pessoal e profissional referente aos conhecimentos que foram adquiridos no decorrer dos encontros, articulados com suas vivências, suas práticas, seus costumes e tradições. Como também puderam apresentar para sua comunidade os materiais didáticos voltados para a Educação em saúde bucal na escola, produzidos por eles.

Para exemplificar essas atividades apresentamos, na figura 1, os registros desse momento. Uma das professoras comentou sobre a impor-

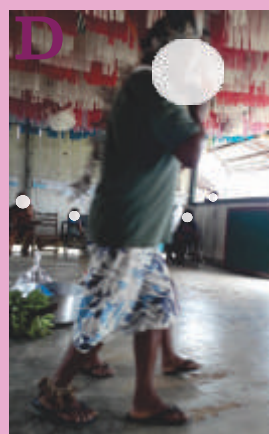
tuada em “Educação em Saúde bucal na escola indígena”, a descoberta de uma nova perspectiva, a descoberta do Aru.

7. Quais os critérios usados para avaliar essa primeira morada?

O agente formador irá avaliar a participação, as atitudes, o comportamento e o envolvimento dos participantes durante os momentos reflexivos, desse encontro na busca de enxergar o Aru.

tância dos cuidados com os dentes, e falou do seu comprometimento em trabalhar junto à equipe de saúde, no sentido de adotarem medidas de promoção da saúde bucal, implantando a escovação supervisionada diariamente na escola, após a merenda escolar, outra cantou com as crianças a música sobre os cuidados com os dentes, uma das metodologias criadas no curso, e outro professor, na hora de demonstrar a escovação dos dentes, optou por utilizar sua língua materna, o Nheengatú, como forma de expressão. Ao final do encontro todos os participantes foram envolvidos em uma grande festa cerimonial, de uso corrente na tradição dos povos indígenas do Alto Rio Negro, a “Dabucuri”.

Figura 1. Registros do encerramento do curso formativo dos professores do Alto Rio Negro.
A e B) Apresentação da música; C) Demonstração do método de escovação dos dentes;
D) A festa “Dabucuri”.



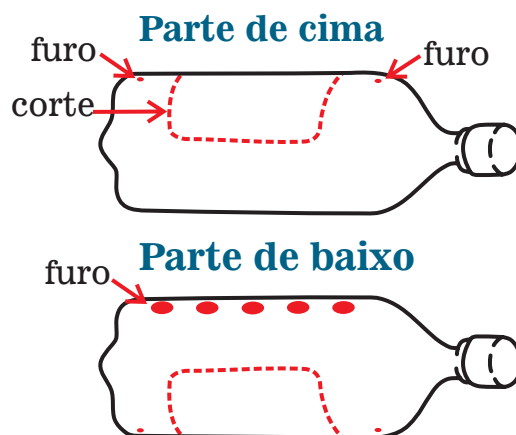
Fonte: Arquivo de imagens do curso (2019).

Passo a passo da construção dos materiais didáticos em saúde bucal

G.1. Porta-escovas de dente

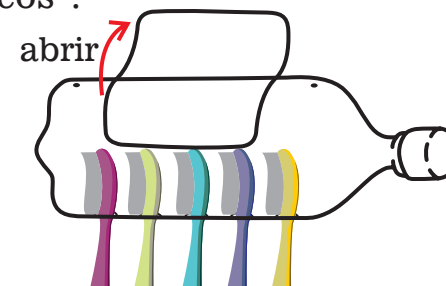
Passo 1: Providencie os materiais: garrafa PET, tesoura e/ou estilete, barbante, pincel.

Passo 2: Com o uso do pincel, faça marcações na garrafa PET conforme o desenho.

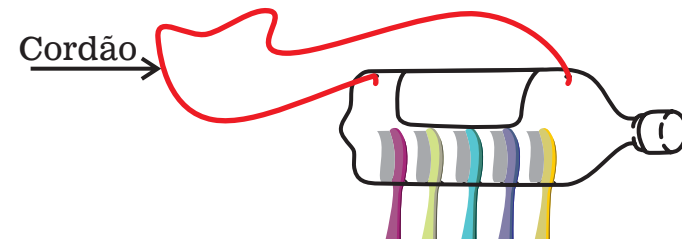


Passo 3: Com o uso do estilete ou tesoura, faça os recortes e furos nas marcações indicadas no passo 2.

Passo 4: Agora, com a “porta” e os “buracos” prontos, abra a “porta” e encaixe as escovas nos “buracos”.



Passo 5: Pegue um pedaço de barbante (70 cm), amarre nos buracos feitos no passo 2, para obter uma alça, e pendure na sala de aula.



CRÉDITOS:

Criação: Participante do curso, denominado de Sioci

Revisão da escrita: Laís Vilhena Leiria

Fonte das imagens: Elaboração própria (2020).

G.2. Rotina diária de escovação supervisionada na escola

1



O professor deve providenciar um balde com **água limpa** para a escovação supervisionada de sua turma (após a merenda).

2



Reunir a turma de alunos em um **semicírculo**.

3



Distribuir os **copos ou canecas** para cada aluno da turma.

4

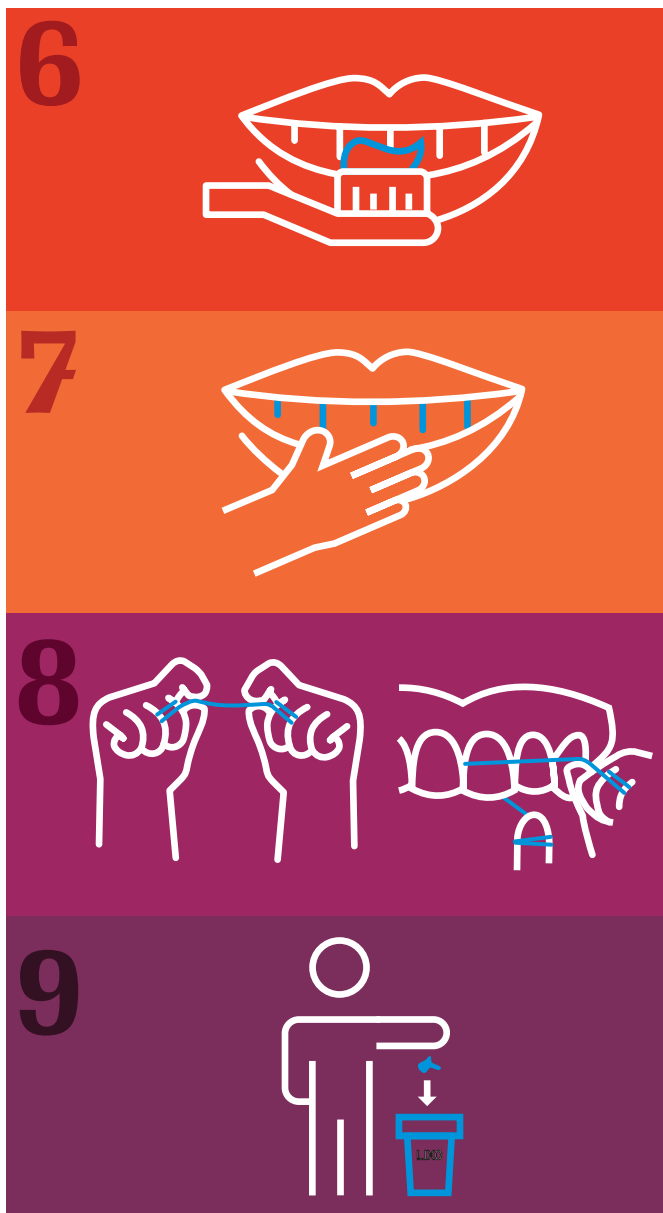


Pedir aos alunos que **lavem as mãos** coletando a água do balde, com o uso do seu copo ou caneca.

5



Distribuir as **escovas de dente** de cada aluno e depois colocar o creme dental nas escovas.



Pedir aos alunos que escovem seus dentes, orientando-os para o “**passo a passo da escovação**” (ver o material didático G3 - A higiene dos dentes).

Pedir aos alunos que **lavem a boca** coletando a água do balde, com o uso do seu copo ou caneca.

Distribuir um pedaço de **fio dental** para cada aluno e orientar para o seu uso entre os dentes, e depois lavar as mãos.

Orientar para o **descarte** do fio dental no cesto de lixo e **recolher** os copos e as escovas de dentes e guardá-los.

CRÉDITOS:

Criação: Participante do curso, denominado de Yoparko

Revisão da escrita: Laís Vilhena Leiria

Fonte das imagens: Elaboração própria (2020).

G.3. Higiene oral

Usando a escova

1. Escovando os dentes de cima:

- Inicie a limpeza pelas faces externas dos dentes, com o **movimento de varredura** (os dentes da frente e depois os de trás).



2. Escovando os dentes de baixo:

- Inicie a limpeza pelas faces externas dos dentes, com o **movimento de varredura** (os dentes da frente e depois os de trás).



- O movimento de varredura se repete nas **faces internas** dos **dentes superiores**.

- O movimento de varredura se repete nas **faces internas** dos **dentes inferiores**.



4. Escovando a língua:

- Colocar a **língua para fora da boca** e com o uso das escovas de dente, escová-la, puxando a sujeira da parte de trás para a ponta da língua, em um só movimento.



3. Escovando as superfícies de mastigação:

- Faça a limpeza das superfícies de **mastigação**, do lado direito e do lado esquerdo, na arcada de cima e de baixo, fazendo o movimento de "trás para frente", o "**vai e vem**".



3. O "Passo a passo da escovação" foi uma criação dos professores, participantes do curso, após o estudo da técnica de escovação de Bass - método vibratório descrito por:
LINDHE, L. C. **Tratado de Periodontia Clínica e Implantologia Oral**. 6a ed. Ed. Guanabara - Koogan, 2018.

Usando o fio dental



PASSO 1

- Corte aproximadamente 15cm de **fio** ou **fita dental**, depois segure o fio entre os dedos **polegares e indicadores**.

PASSO 2

- Faça a limpeza nos dentes de cima, **deslizando suavemente** para **cima** e para **baixo** contra o dente, tomando o cuidado para não forçar demasiadamente o fio contra a gengiva.
- Comece a limpeza com os dentes da **frente** e depois os dentes de **trás** em **ambos os lados** da dentição.



PASSO 3

- Faça a limpeza nos dentes de baixo, **deslizando suavemente** para **baixo** e para **cima** contra o dente, tomando o cuidado para não forçar demasiadamente o fio contra a gengiva.
- Comece a limpeza com os dentes da **frente** e depois os dentes de **trás** em **ambos os lados** da dentição.

CRÉDITOS:

Criação: Participante do curso, denominado de Yoparko

Revisão da escrita: Laís Vilhena Leiria

Fonte das imagens: Elaboração própria (2020).

G.4. História sobre a doença cárie com a técnica do Stop Motion

História: “O ataque do Kandiru”

Era uma vez um menino chamado “Kuru”, que não gostava de escovar os seus dentes, principalmente antes de dormir, tinha preguiça e assim, sempre dormia sem escovar os dentes.

Durante a noite, “Kuru” sonhou que um monstro muito feio e malvado estava furando os seus dentinhos, e isso causava muito dor. No seu sonho, esse monstro era uma bactéria, que se chamada “Kandiru”, um bicho que atacava os dentes das crianças à noite, enquanto elas dormiam. Ele comia os restos de comida que encontrava na boca das crianças, e fazia buracos nos dentes, causando uma doença, cárie dentária, mais conhecida como “dente podre”.

E se não fosse pela ajuda de um jovem guerreiro (Doutor Dentinho) que surgiu de repente, com seus três ajudantes: a senhora escova, uma mulher gorda e com muito cabelo na cabeça;

o senhor creme dental, que tinha um enorme chapéu; e o senhor fio dental, que era bem magrinho, o menino teria perdido todos os seus dentes.

Foi uma grande batalha, mas o jovem guerreiro e seus soldados venceram, mataram a bactéria “Kandiru”. “Mas, isso não foi um sonho, foi um pesadelo, daqueles de assustar onça”, assim falou “Kuru” aos seus pais, depois que passou o susto. Só sei dizer que ele acordou de repente, muito assustado, procurando a sua escova de dente, o creme dental e o fio dental, e saiu correndo pela casa gritando: - Amigos, cadê vocês? Preciso de vocês para escovar os meus dentinhos.

Desse dia em diante “Kuru” nunca mais deixou de escovar os seus dentes, e por onde ia sempre contava sua história para outras crianças, dizendo: - Xô, xô, xô bactéria Kandiru!

OBS: Os professores fizeram várias tomadas fotográficas, quadro a quadro, e usaram a técnica do Stop Motion, que utiliza a disposição sequencial de diferentes fotografias de um mesmo objeto inanimado para simular o seu movimento. Estas fotografias são chamadas de quadros e normalmente é tirado de um mesmo ponto, com o objeto sofrendo uma leve mudança de lugar, o que dá a ideia de movimento. (PURVES, B. **Stop-motion**: Animação básica. Porto Alegre: Bookman, 2011).

Como fazer um Stop Motion



IDEIA

Invente uma história para fazer a animação em stop motion



PERSONAGENS

Crie os personagens e depois desenhe ou modele com qualquer material disponível



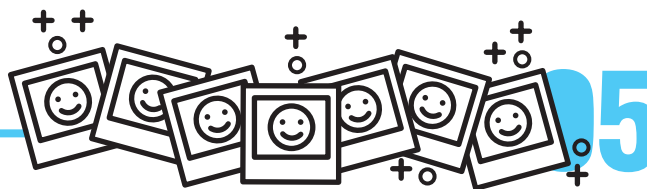
CENÁRIO

Crie um cenário para fazer a movimentação dos personagens, pode ser um quadro branco ou papel



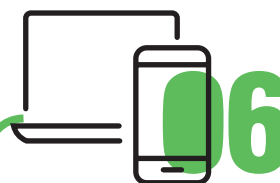
FOTOGRAFIA

Comece a fotografar cada um dos movimentos dos personagens



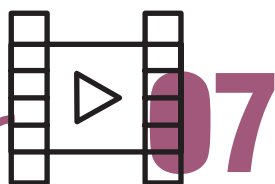
MOVIMENTO

Modelo de movimento com fotografias em sequência



MONTAGEM

Monte as fotos usando o seu computador ou o próprio celular



VIDEO

No momento da edição, você montar em um programa com Windows Movie Maker ou acelerador de filmagem



You Tube FINALIZAR

Ao final, lembre-se de colocar o título e créditos. Depois publique o vídeo na página de vídeo da internet.

CRÉDITOS:

Criação: Participante do curso, denominado de Sioci e Itaperêra

Revisão da escrita: Laís Vilhena Leiria

Fonte das imagens: Elaboração própria (2020).

G.5. Letra da música: “CUIDANDO DOS DENTES”

Tantos dentinhos bonitos crianças.
Temos que ser cuidadosos.
Pois o dente só fica limpinho,
Se for escovado.

Cuida menino,
Cuida menina,
Bem dos seus dentinhos. (2x)

Eu uso a escova, de cima pra baixo,
Pra frente e pra trás e deixo bem limpinho.
Eu não me esqueço do fio dental,
Na minha higiene oral.

Cuida menino,
Cuida menina,
Bem dos seus dentinhos. (2x)

E pra terminar a higiene da boca,
Só falta escovar a minha língua.
Num movimento de dentro pra fora,
Ela fica bem limpinha.

Cuida menino,
Cuida menina,
Bem dos seus dentinhos (2x)

CRÉDITOS:

Letra: Participante do curso, denominado de Pirõ Dhyo

Revisão da escrita: Laís Vilhena Leiria

G.6. Macromodelos de dentes

Os macromodelos de dentes podem ser feitos a partir de uma variedade de materiais, como por exemplo, isopor, gesso, papelão, barro, madeira, entre outros, a depender da criatividade de cada um. No caso, em particular dos professores indígenas do Alto Rio Negro, eles optaram por usar como matéria-prima, o “molongó”, uma madeira típica da região, por ser de natureza leve e macia, o que facilitou seu manuseio.

1. O primeiro passo é observar os desenhos de dentes nos livros ou nas revistas impressas, ou nas imagens do computador, e se tiver acesso aos dentes pré-fabricados, pode também utilizá-los como modelos. É interessante também, olhar seus próprios dentes no espelho, e atentar para os detalhes anatômicos de cada grupo de dentes, ou seja, para o formato dos incisivos, caninos, pré-molares e molares;

2. Após essa observação criteriosa nos elementos dentários, agora é o momento de fazer a escolha do material que vai ser usado para a confecção dos macromodelos, para em seguida, reunir todo o material necessário e partir para etapa “mãos a obra”;

3. Uma dica é desenhar em uma folha de papel ofício as faces do dente que você pretende esculpir, ou seja, a parte da frente, as costas do dente e a face da oclusal (mastigação). Isso facilitará o entendimento do formato do dente, e irá ajudá-lo muito na hora de esculpir o elemento dentário;

4. Para dar mais realidade aos macromodelos, você pode também pintá-los (os dentes de branco e a de gengiva de vermelho).



CRÉDITOS:

Criação: Participante do curso, denominado de Sioci, Itaperêra, Pirõ Dhyo e Yoparko.

Revisão da escrita: Laís Vilhena Leiria

As autoras



Laís Vilhena Leiria

Graduada em Odontologia pela Universidade Estadual do Amazonas – UEA e Licenciada em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM; Especialista em Saúde Pública – FASE-AM; Especialista em Saúde da Família – UNASUS/UNB; Especialista em Saúde Indígena – UNIFESP; Mestranda em Ensino Tecnológico pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM. Cirurgiã-Dentista na Secretaria Municipal de Saúde - SEMSA - SGC.



Rosa Oliveira Marins Azevedo

Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela UFMT; Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM nos Programas de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico - PPGET e em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT.

PAMURI HORI

É o grafismo usado no assento do banco tukano que reproduz o motivo de um trançado do tipiti.

ISBN 978-65-88247-17-4



9 786588 247174